

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

*DISSERTAÇÃO DE MESTRADO*

**ENTRE TEXTOS E IMAGENS:**

**A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

Autor: Silvia Leticia Gonsalves

Orientadora: Ernesta Zamboni

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Silvia Leticia Gonsalves e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 14/ 12/ 2004

Assinatura:.....

*Orientadora*

COMISSÃO JULGADORA:

---

---

---

Ano 2004

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	G588e
V	<input type="checkbox"/> EX
TOMBO BC/	64213
PROC.	16.P.00086-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	13/10/05
Nº CPD	

Unid 252133

**Catálogo na Fonte elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gonsalves, Silvia Leticia.

G588e Entre textos e imagens : a independência do Brasil na Literatura infanto e juvenil / Silvia Leticia Gonsalves. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ernesta Zamboni.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Conhecimento. 3. Representação social. 4. Brasil – História – Independência – 1822. I. Zamboni, Ernesta. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-0199-BFE

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

Ano 2004

## **RESUMO**

O conhecimento histórico não está restrito à sala de aula, mas permeia o nosso cotidiano, através de imagens, textos, símbolos, mídia... e literatura infantil e juvenil, produção cultural que expressa e institui visões de mundo. No plano central desta dissertação estão livros infantis e juvenis que abordam a Independência do Brasil, buscando-se discutir as representações a cerca deste fato histórico (detectando permanências e rupturas) e o projeto de criança embutido nas entrelinhas de tais livros.

## **ABSTRACT**

The historical knowledge is not restricted to the classroom, but it goes through our daily one, through images, texts, symbols, media... and infantile and youthful literature, cultural production that express and spreads visions of world. In the center section of this paper they are infantile and youthful books that approach the Independence of Brazil, searching to argue the representations about this historical fact (detecting the remaining and ruptures) and the project of child inlaid in the space between lines of such books.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que somos imagem e semelhança de um Deus criador e se o somos, também podemos criar! Agradeço a Deus por nos fazer seres inteligentes e capazes de pensar, refletir, criar e construir um mundo melhor. Agradeço sua doce e suave presença em minha vida.

Chego até aqui, mas não chego só. Trago comigo, na minha fala, na minha trajetória de vida, na construção do conhecimento e na constituição do meu ser, o outro, a quem tenho tanto a agradecer:

- Todo ser humano necessita de um porto seguro para ancorar seus medos, ansiedades, aflições, angústias, dificuldades e partilhar alegrias e conquistas. Meu porto seguro é minha família, em especial minha mãe. A todos eles todo o meu carinho, respeito e amor.
- Ernesta, amiga e interlocutora deste trabalho, cujas palavras, intervenções e indagações foram importantíssimas para a constituição desta dissertação e desta pesquisadora, Silvia.
- Agradeço às professoras Norma e Maria Carolina que trouxeram riquíssimas contribuições no exame de qualificação, contribuições que me fizeram crescer e avançar em muitos pontos desta dissertação.
- Ao professor Luis Fernando, meus sinceros agradecimentos por aceitar fazer parte da banca e, agora, parte desta minha história.
- Agradeço aos meus amigos Carolina, Joana, Guilherme, Adriana, Jesus, pe. Carlos Alberto, Wanda, Suzana, Paulo André e Julio Cesar pelos momentos compartilhados, pela presença amiga e sincera nos momentos em que eu precisava.
- Aos funcionários da Faculdade de Educação, em especial à Ana Íris e Ana Esmeralda da portaria, agradeço as conversas e a força que sempre me passaram em suas palavras e olhares, nos momentos de angústia.

## SUMÁRIO

MEMORIAL .....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1. REPRESENTAÇÕES INFANTIS... REPRESENTAÇÕES PARA A INFÂNCIA....	7
2. A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E A HISTÓRIA DO BRASIL: ENCONTROS E DESENCONTROS.....	35
3. TANTOS LIVROS... TANTAS HISTÓRIAS... MERGULHANDO NAS IMAGENS E TEXTOS DOS LIVROS INFANTIS E JUVENIS.....	51
3.1 Capas e contra-capas: “vislumbrando” o que está por vir.....	53
3.2 Todo ponto de vista é a vista de um ponto.....	62
3.2.1 A história tradicional: “visão vista de cima”.....	62
3.2.2 Outras histórias: “a visão de baixo”.....	71
3.3 Ilustrações e textos: (des) construindo imagens de D. Pedro.....	74
3.3.1 Romântico.....	74
3.3.2 Herói.....	75
3.3.3 Cruel.....	79
3.3.4 D. Pedro e Tiradentes.....	81
3.4 A criança personagem e a criança leitora.....	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	89
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

## MEMORIAL

*“Afinal, minha presença no mundo  
não é a de quem a ele se adapta,  
mas a de quem nele se insere.  
É a posição de quem luta para não ser apenas objeto,  
mas sujeito também da história”  
Paulo Freire<sup>1</sup>*

Paixão.

Paixão que surgiu nos anos dourados e complicados  
da minha vida escolar  
E o enamoramento com a História,  
bem devagarinho, foi acontecendo...  
Quando comecei a olhá-la,  
a rodeá-la,  
a perceber o seu avesso,  
os nós, os remendos  
que por detrás dela se escondiam.  
E diante dela fui desfiando os fios já tecidos  
aos sabores de interesses,  
e percebendo que a História  
tem outras vozes,  
outras versões,  
outros pontos de vista.  
Que a história não se reduz  
a heróis,  
a grandes atos,  
a datas,  
pois desta história,  
dos grandes feitos

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e terra, 1996.

dos grandes homens,  
eu não gostava!  
Nosso relacionamento,  
de início, foi traumático,  
mas necessário  
para me impulsionar em busca  
de uma outra história.  
Porém, em textos e imagens,  
versos e prosas,  
monumentos,  
rituais cívicos,  
vozes e linguagens,  
símbolos e representações,  
a História assumiu o papel de contar  
a saga dos heróis  
e construir a memória da nação.  
Memória que foi (ou vai?)  
se inscrevendo na palavra,  
no discurso da sala de aula.  
Interrogações e respostas objetivas  
rodeavam (ou rodeiam?) o ensino  
do qual eu<sup>2</sup> e muitos experimentaram:  
Quem descobriu o Brasil?  
Pedro Álvares Cabral.  
Quem proclamou a Independência?  
D. Pedro I.  
Quem...?  
Quem...?  
Quem...?  
E cheia de “quens”,  
a história foi construindo a genealogia da nação.

---

<sup>2</sup> Estudei todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas de Mogi-Mirim/SP. Atualmente, sou professora da rede municipal de ensino (Mogi-Mirim)

As palavras de LACERDA<sup>3</sup>

expressam perfeitamente minhas experiências

vividas e sofridas na semana da pátria:

*Perfilados para cantar o Hino, os alunos pensavam no gigante esplêndido. Mas qual? O sonhado, forjado, mentido?(...) e o que é mesmo, de verdade, gigante pela própria natureza? Colosso, impávido, forte? (...) canto as palavras de um canto que não é meu. E o teu futuro espelha esta grandeza? Que futuro? Grandeza, qual? E os espelhos, onde colocaram?*

Na graduação<sup>4</sup>, coloquei-me diante da História,

interroguei, problematizei, refleti,

construí uma história (TCC),

não sozinha,

mas com crianças em fase escolar.

Era o quadro de Pedro Américo

na perspectiva do olhar infantil.

Puxa, que experiência!

Experimentei, experimentei-me

Experimentamos!

A obra do pintor não estava ali,

diante de nós para perpetuar uma determinada maneira de ver,

mas para despertar,

rever a forma de enxergar o mundo,

a história, o cotidiano...

E movida pela necessidade de conhecer ainda mais essa história,

de continuar no enamoramento,

experimentar os sabores,

os saberes,

as palavras, as leituras,

fui para o mar com Palomar<sup>5</sup>

Penso na facilidade que ele tem em concentrar-se,

enquadrar e analisar uma onda com toda sua complexidade,

apontar detalhes que aos meus olhos

---

<sup>3</sup> LACERDA, Nilma Gonçalves. *Manual de tapeçaria*. RJ: Philobiblion: Fundação Rio, 1996, p. 16.

<sup>4</sup> Graduei-me em Pedagogia em 2001, na Faculdade de Educação da UNICAMP

<sup>5</sup> CALVINO, Ítalo. *Leitura de uma onda*. In CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

seriam difíceis captar.  
Mas esforcei-me.  
Esforço-me!  
Olhos do sr. Palomar  
olhos que dizem,  
que me levam a fitar-me,  
a encarar meus olhos,  
minha onda,  
meu objeto,  
minha própria forma de olhar-sentir-refletir.  
Onda que se cristaliza por alguns segundos  
e que se derrama novamente  
em espuma e areia e mar.  
Coloco-me como o sr. Palomar  
perante uma onda  
que me interpela,  
atropela,  
provoca o olhar.  
Olhar cheio de estranhamento,  
olhar que escava,  
que procura, que interroga,  
que pensa, significa, rastreia,  
não fazendo rastreamento pelo o que é estabelecido,  
representado,  
mas penetrar no que é pouco notável<sup>6</sup>  
Rastrear, mergulhar,  
viajar, enamorar.  
Na imensidão desse mar que é a História  
recortei a minha onda:  
a Independência do Brasil na literatura infantil e juvenil...

---

<sup>6</sup> GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.



E entre textos e imagens fui...

... construindo-me!

Nesta ciranda de saberes e sabores,

crescendo, apurando o olhar,

a partir de outros olhares,

de outros interlocutores<sup>7</sup>

cujas palavras, intervenções e indagações

me fizeram buscar,

avançar para as águas mais profundas.

Ver o doce, mas também o amargo

da literatura infantil e juvenil

---

<sup>7</sup> Minha orientadora Ernesta Zamboni e professores das disciplinas cursadas na pós-graduação.

as faces e interfaces,  
o avesso das palavras e das imagens.  
Alinhar, costurar, descosturar  
costurar nova-mente, arrematar  
e fazer novos alinhavos.  
Literatura para crianças e jovens:  
Veículo de idéias  
portadora de um sistema de valores, sobretudo morais,  
de uma ideologia, de uma cultura.  
Mercadoria,  
*intermediária entre a criança e a sociedade de consumo*<sup>8</sup>  
Discurso utilitário<sup>9</sup>  
Discursos,  
imagens,  
*estratégias*<sup>10</sup>  
Independência ou Morte?  
Morte!  
Morte de uma literatura comprometida  
com a estética,  
com a imaginação, com a fantasia.  
Inquietações surgiram,  
questões me impulsionaram  
a buscar,  
a investigar,  
a dialogar  
Como a literatura para crianças e jovens  
aborda a Independência do Brasil?  
Provoca reflexões e questionamentos?  
As imagens se aproximam ou reproduzem imagens *canonizadas*?  
Que projeto de criança está embutido nas entrelinhas das narrativas?  
E tantas outras questões

---

<sup>8</sup> LAJOLO & ZILBERMAN, 1985

<sup>9</sup> PERROTTI, 1986

<sup>10</sup> CERTEAU, 1994

forneceram-me fios  
para tecer esta dissertação.  
Mas o arremate final mesmo,  
Quem dará será o leitor,  
*Viajante, astuto*  
que, espero,  
faça seus alinhavos  
avançando para as águas mais profundas  
desse mar que é a história.

## INTRODUÇÃO

Minha história com a História vem de longa data, desde meus tempos de escola primária pública, história contada nos livros didáticos, marcada pelas datas cívicas. História que anos mais tarde se desfez e se refez, história questionada, encarada, investigada na graduação: coloquei-me diante dela e através do olhar infantil, desenvolvi um trabalho em torno da história contada pelas pinceladas de Pedro Américo, no quadro *Independência ou morte!* Era o olhar infantil que revelava o imaginário construído desde o século XIX em torno do herói D. Pedro, imaginário que na maioria das produções infantis persistia.

Ao procurar uma bibliografia para dialogar com as representações infantis que estavam diante de mim, lá se encontravam, nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, representações para a infância: livros de literatura infantil e juvenil que abordavam a Independência do Brasil. Foi atração à primeira vista! Atração que me impulsionou a investigar e interpelar este tipo de produção nesta dissertação de mestrado.

Literatura infantil e juvenil e história do Brasil, linhas que ora se distanciam, ora andam paralelamente, ora se entrelaçam e se misturam. Esse entrelaçamento não é algo recente. Apontada por LAJOLO & ZILBERMAN (1985) como uma *produção simbólica que faz da linguagem sua matéria-prima e dos livros seu veículo preferencial* (p. 10), a literatura infantil brasileira trouxe consigo, em muitos momentos da história, um projeto ideológico, capaz de fazer da leitura instrumento de difusão de civismo e patriotismo, instrumento de dominação do adulto e de uma classe, veiculando um modelo de estruturas que deveriam ser reproduzidas e esboçando um projeto de criança virtuosa, de comportamento exemplar. E neste movimento, entram os heróis e a exaltação da natureza, consonante com uma política de cunho nacionalista e patriótica. Foi assim que a história do Brasil se envolveu com a literatura para crianças e jovens e esta por sua vez, assumiu um caráter utilitário. Em traços, cores e textos foram se delineando concepções de história, de criança, representações.

O papel das representações é salientado e investigado pela história cultural, tendência historiográfica contemporânea, que propõe uma nova forma de interrogar a realidade. A história cultural tem sua origem atrelada à escola dos Annales, surgida em 1929, com os historiadores e Marc Bloch e Lucien Febvre, em Estrasburgo, na França. A escola dos Annales foi um movimento que se contrapunha à concepção positivista da história. Essa história chamada de tradicional, história de acontecimentos, história factual, que oferece uma “visão de cima”, concentrando-se nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais..., apresentando uma

história superficial e simplista, que se detém na superfície dos acontecimentos. Na sua fase inicial, a Escola dos Annales estava voltada para a construção de uma história social e econômica, em oposição a esta tradição historiográfica centrada nos grandes feitos dos grandes homens.

A escola dos Annales vai se transformando, no decorrer dos anos, passando por gerações e ampliando o objeto de pesquisa historiográfica, bem como lançando outras metodologias, outras formas de olhar. Ampliam-se os limites da história, abrangendo todos os aspectos da vida social, focalizando-se um interesse por toda a atividade humana, “tudo tem história”, a infância, a morte, a loucura, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio; amplia-se a noção de fonte para além da escrita (vestígios arqueológicos, fotografias, filmes, tradição oral etc); preocupa-se com a história “vista de baixo”; desconsidera-se a linearidade do tempo; desenvolve-se a história das mentalidades; a verdade é concebida como plural, não mais como única e absoluta. Com isso, vemos que homens e mulheres comuns tornam-se integrantes e agentes da história, ou seja, sujeitos históricos.

É no interior da terceira geração da escola dos Annales, que Roger Chartier desenvolve suas reflexões e trabalha em torno das representações, que segundo ele, são os modos pelos quais *em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais* (CHARTIER, 1990, p. 16). Portanto, *as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam* (CHARTIER, 1990, p.17).

Pensar a literatura infantil e juvenil como produção que traz nos textos e imagens representações, significa salientar que tais representações têm um papel importante na criação, manutenção e recriação do mundo social. Portanto, quando a criança abre um livro, depara-se com um mundo pensado, dado a ler, e com representações que poderão perpetuar/ sacramentar esse mundo ou poderão dar abertura para a recriação, para a reflexão. Por isso, colocá-la em evidência nesta dissertação, adentrar em seus textos e imagens, olhar seu avesso, o que se esconde por de trás dela.

Atualmente, uma variedade de livros está no mercado e muitos temas são abordados, dentre eles, os históricos que pegam carona nesta envolvente produção que é a literatura infanto-juvenil e, visualizando essa infinidade, foi necessário fazer recortes, recortar a onda, para não lançar muita luz sobre um foco e obscurecer outros, ou tratá-los superficialmente. Muitos livros e vários temas históricos exigiriam muito fôlego, pois cada um tem seu universo. Foi escolhida, dentre os fatos históricos, a Independência do Brasil, ainda hoje, fortemente marcada na escola e

fora dela: Semana da Pátria, rituais cívicos públicos, verde-amarelo nos corredores das escolas, canto do Hino Nacional, moedas, cartões telefônicos, revistas em quadrinhos, literatura infanto-juvenil. São representações para a infância que geram representações infantis acerca desse fato, que envolvem concepções de sujeito histórico, de cidadania, afinal, quem faz a história, nós homens e mulheres comuns nas ações do nosso dia-a-dia ou heróis, “seres iluminados”, capazes de conduzir o destino de um povo, de uma nação?

Portanto, adentrar nestas representações construídas e que se estabilizam nas “inocentes” páginas do livro infantil e juvenil implica iniciar discussões amplas referentes às concepções de história, de sujeito histórico, de cidadania, como diz SCHIAVINATTO (CEDES, 2002):

*“O tema da independência porta consigo, entre outros, as noções de cidadania, patriotismo, sentimento identitário, reconhecimento de cada um na vida coletiva e dessa por si mesma, disputa política, sentidos dos símbolos nacionais” (p. 5)*

E preparar o educando para o exercício da cidadania é um dos fins da educação nacional expressos na LDB (Lei 9.394/96, Art. 2º).

Muitos autores, de diversas áreas são evocados para a sustentação teórica dos capítulos desta dissertação, destacando-se alguns: para traçar um panorama histórico da literatura infantil e juvenil no Brasil, apoiei-me em Marisa Lajolo (2003) e Regina Zilberman (1985). Feito isso, dialoguei com Roger Chartier (1996, 1999) e Michel de Certeau (1994) sobre as práticas de leitura. Edmir Perrotti (1986) foi quem me colocou a questão do texto sedutor da literatura infantil, fazendo-me questionar sobre seu caráter utilitário. Walter Benjamin (1985; 2002) deu suavidade à dissertação ao fornecer-me elementos para olhar o livro infantil numa perspectiva estética, do prazer, da imaginação e fantasia em suas reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.

Não é pretensão desta dissertação fazer uma análise da estrutura dos textos e sim adentrar nos sentidos e possíveis significados, no avesso das palavras. Para a análise dos livros, principalmente no que se refere às concepções de história, apoiei-me na História Nova, à Escola dos Annales. Tendo esta referência, serão observadas as permanências e rupturas de visão de mundo e das formas de se apresentar a Independência do Brasil, que desde o século XIX têm se apoiado na versão pintada por Pedro Américo.

Considero que os textos e as imagens estampadas com tinta, traços e cores são produções que expressam e, de certa forma, instituem visões de mundo, além de poderem reforçar uma

memória nacional já institucionalizada pela escola e livros didáticos, entendendo essa memória como propriedade de conservar certas informações. A respeito disso, Jacques Le Goff (1990) aponta que *“tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”* (p. 426).

A memória é objeto de estudos em vários campos: filosofia, anatomia, fisiologia, sociologia, psicologia, lingüística, informática e outros. A grande maioria centra suas abordagens no indivíduo, focalizando olhar para dentro dele (o cérebro, os neurônios, os mecanismos pré e pós sinápticos...).

Quando falamos em memória nesta dissertação, além de nos apoiarmos em LE GOFF (1990), apoiamo-nos em HALBWACHS (1990), assumindo com ele a relevância da dimensão social na constituição da memória, entendendo a memória individual dentro de uma memória coletiva e apoiamo-nos também em VIGOTSKI (1998), que considera que nunca estamos sós, a nossa memória é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo, emergente na inter-ações, constituído na cultura.

Apontando os caminhos que foram percorridos nesta dissertação, destacaram-se os seguintes objetivos:

- 1) Discutir as representações produzidas para a infância a cerca da Independência do Brasil, dentre elas a literatura infantil e juvenil
- 2) Detectar as permanências e rupturas das formas de se apresentar a Independência do Brasil nos livros selecionados
- 3) Detectar os possíveis projetos de criança delineados nas linhas e entrelinhas dos livros em questão.

Metodologicamente, para a análise dos livros foram separadas partes do conteúdo, de acordo com os objetivos propostos, procurando não perder de vista o texto global, ao analisar os recortes/fragmentos.

Como já salientei, o tema da independência é algo que me instiga, inquieta, provoca desde meus tempos de infância, provocou-me na graduação e continua provocando-me, inquietando-me. E por que não, agora, olhá-la na literatura para crianças e jovens, produção cultural que parece inocente, mas que muitas vezes assumiu um caráter totalmente utilitário, aplicação ideológica, deixando para escanteio o valor estético? Estariam os livros selecionados perpetuando

uma história, um herói? Ou estariam fazendo perguntas ao mundo, propondo novas formas de olhar? Perseguindo estes questionamentos, esta dissertação se estrutura da seguinte forma:

\* No primeiro capítulo, discute-se as representações infantis e as representações produzidas para a infância acerca do fato histórico em questão. Explora-se a pesquisa desenvolvida por mim na graduação, discutindo os desenhos das crianças e trazendo para essa discussão as imagens, os textos, a moeda de R\$ 0, 10, a história em quadrinhos, as pinturas históricas que circulam cotidianamente e acabam fornecendo um pano de fundo para entendermos este imaginário tão fortemente presente em nossas memórias: um homem, um cavalo, uma espada.

\* Na trama desta tessitura, o capítulo 2 vai delineando os caminhos construídos e percorridos pela literatura infantil e juvenil no Brasil, lançando mais atenção sobre os livros que fazem um cruzamento com temas históricos.

\* Os dois capítulos anteriores servem de base e dão consistência ao capítulo 3, o mergulho nos livros selecionados para a pesquisa. Foram selecionados quatro livros, editados nos últimos 20 anos, que trazem como tema a Independência do Brasil, classificados (nos índices dos catálogos sistemáticos) como literatura infantil e literatura infanto juvenil, todos são de editoras paulistas, por ser São Paulo a sede do maior número de editoras, o pólo da produção cultural. São eles:

BERGER, Milton. **O reino do outro lado do oceano**. Ilustrações: Ricardo Paonessa. São Paulo: DCL, 1999;

BERUTTI, Flávio. **A Independência do Brasil- 1822: o sol da liberdade não raiou para todos**. Ilustrações: Cristina Delara. São Paulo: Ediouro, 2001.

BUENO, Mariângela e DREYFUSS, Sonia. **Pedro, o independente**. Ilustrações: Marco Aragão. São Paulo: Callis, 1999.

TOKUTAKE, Shiyozo. **Os gnomos do Ipiranga**. Ilustrações: Miriam Iwai. São Paulo: Atual, 1988.

Embora tenham critérios comuns, cada um também tem suas especificidades. O livro *Os gnomos do Ipiranga* pertence à década de 1980, é um livro que permanece no mercado, na sua 17ª edição, escrito por Shiyozo Tokutake, escritor de histórias em quadrinhos, cartunista e autor de outras obras infantis. *O Reino do outro lado do Oceano* foi escrito por Milton Berger o livro não traz nenhuma informação sobre o autor, faz parte da coleção Brasil 500 anos, editado em

1999, abarrotou as lojas de R\$ 1,99, o que permitiu que muitos pudessem comprá-lo. *Pedro, o independente* escrito também em 1999, por Mariângela Bueno e Sonia Dreyfuss também não traz nenhuma informação sobre as autoras, ele olha o passado a partir de hoje, ao contrário dos dois anteriores que trabalham a Independência do Brasil no ano em que ela aconteceu. *A Independência do Brasil* é o mais recente dos quatro, escrito por Flávio Berutti (licenciado em História), faz parte da coleção “Vamos repensar a História”. Outras especificidades serão abordadas no capítulo 3, momento em que mergulho nas produções, sinto a onda, encharco-me nela, interpelo. Textos e imagens, representações, produções para a infância que na carona da envolvente linguagem da literatura infantil, do colorido, do lúdico, traz concepções de história, de criança e de sujeito histórico.

## 1. REPRESENTAÇÕES INFANTIS...

### REPRESENTAÇÕES PARA A INFÂNCIA

*“Livros didáticos, composições, desenhos infantis, pinturas e obras historiográficas apontam para uma percepção da história da nação como obra de espíritos elevados e de atos de heroísmo, destinada a ser mais celebrada do que compreendida”*  
(Thaís Nívia de Lima e Fonseca)

Com o intuito de criar um pano de fundo para a tessitura desta dissertação, inicio este capítulo fazendo um convite ao leitor: quando falamos em Independência do Brasil, que imagem vem a sua memória? Esta questão foi ponto de partida em uma pesquisa desenvolvida por mim em 2001<sup>1</sup> e o será também aqui. Partindo dela e tendo como objetivo detectar o imaginário a cerca desse fato histórico, foi solicitado às crianças de uma 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental que desenhassem como imaginavam ter sido a Independência do Brasil.

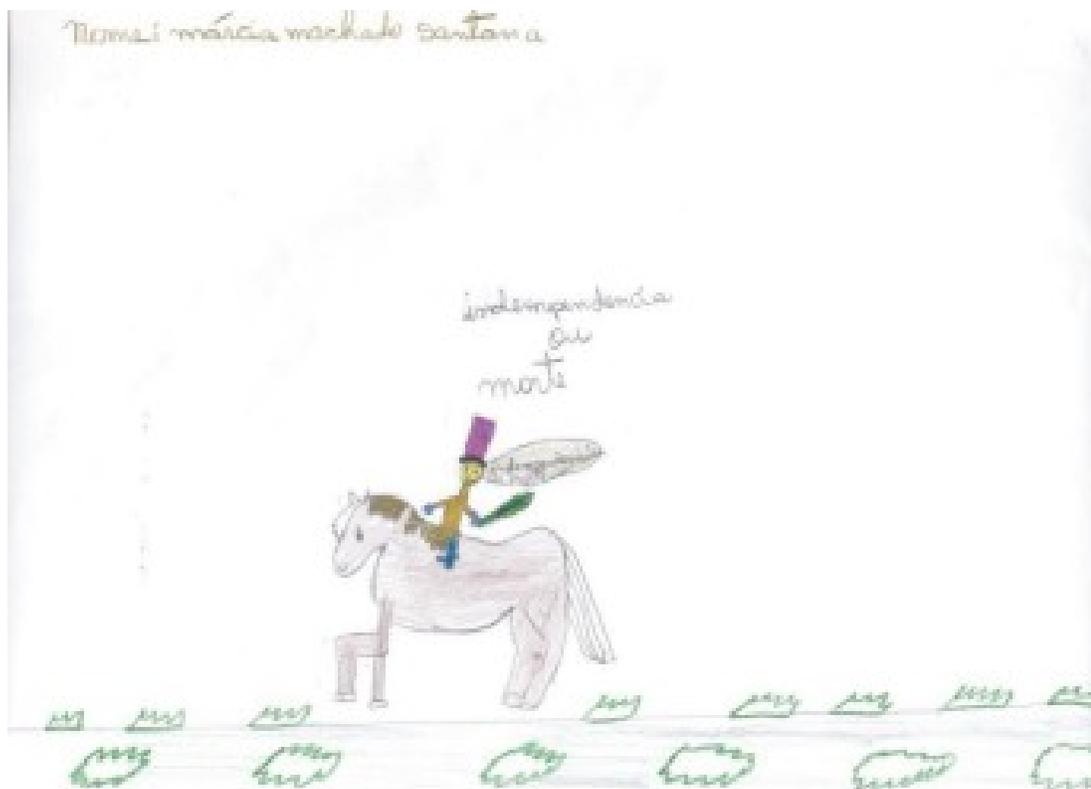
Nessa pesquisa, o desenho foi tomado como revelador do imaginário infantil frente a este fato histórico. Segundo LEITE (1998), o desenho, como representação ou recriação da realidade *“é um objeto carregado de memória- memória individual (que se forma no bojo da memória coletiva), a memória oficial (construída para perpetuar) e a do senso comum (mais fragmentada)”* (p. 136). Assim, através do desenho, as crianças representaram o fato histórico segundo suas percepções e conhecimentos anteriores, já vistos, ouvidos, sentidos, vividos, construídos e guardados na memória. Memórias individuais, que segundo Halbwachs (1990) são pontos de vista da memória coletiva. Memórias individuais construídas dentro de um movimento interpessoal das instituições (como família, escola, partido político, classe social, religião etc) a que pertence. Memória individual construída dentro de um movimento histórico e também político de conformação de uma memória oficial da Independência, legitimada por muito tempo em livros didáticos, discursos, pinturas, desfiles, símbolos e outros meios que veremos mais adiante. Memória que não revive, mas refaz, reconstrói, repensa com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

---

<sup>1</sup> Gonsalves, Sílvia Letícia. Vozes, Cores e Letras: a Independência do Brasil no quadro de Pedro Américo. Campinas, SP: [s.n.], 2001. Trabalho de conclusão de curso- Faculdade de Educação/UNICAMP. Sob orientação da Profa. Dra. Ernesta Zamboni. Este trabalho foi desenvolvido com crianças de uma 4<sup>o</sup> série do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Mogi-Mirim/SP. Essas crianças tinham entre 9-10 anos em 2000 (quando foram coletados os desenhos). A grande maioria morava nos arredores da escola e alguns na área rural.

A grande maioria dos desenhos apontou D. Pedro como personagem principal da Independência do Brasil. Esse é o ponto em comum entre a maioria deles. Não desconsidero que cada desenho tem sua especificidade, porém, serão apresentados aqui, somente alguns, aqueles que possam ilustrar o que se repete na maioria, ou seja, o que é comum. Acredito que serão suficientes para iniciar uma discussão. Agora, então, outro convite faço ao leitor: mergulhar em algumas destas representações elaboradas pelas crianças e, paralelamente, puxar fios de reflexões a fim de tentar compreender a construção de tais representações, no bojo de uma memória oficial, linear e fragmentada da Independência, *construída para perpetuar*.

As primeiras que apresento<sup>2</sup>, referem-se à figura de D. Pedro<sup>3</sup> e ao seu gesto heróico:



*Desenho 1: D. Pedro está representado de chapéu e botas, montado em seu cavalo, com sua espada. De sua boca sai a famosa frase “Independência ou morte”.*<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A legendas dos desenhos foram feitas, levando-se em consideração as explicações das próprias crianças, ou seja, para que os desenhos fossem “decifrados” foi necessário um diálogo criança/ adulto, pois os significados e sentidos não estão nos traços, nas figuras somente, mas são dados pela linguagem, pela palavra da criança.

<sup>3</sup> Embora na fala das crianças, os homens representem D. Pedro, não desconsideramos que ocorre uma reelaboração de sentidos, de acordo com suas experiências. Como já foi dito, as representações foram construídas no bojo de uma memória que não revive, mas que refaz, reconstrói, repensa com imagens e idéias de hoje, as idéias do passado. Porém, a idéia de um herói permanece viva.



*Desenho 2 :D. Pedro é representado de bigodes, sem chapéu, montado em seu cavalo, com a espada levantada, pronunciando também a frase.*

Aqui, abre-se uma discussão em torno do herói nacional. A construção do herói D. Pedro vem de longa data, assim como outros da nossa história. Os heróis são figuras importantes e fundamentais de uma história enraizada no modelo tradicional de educação. Os heróis desempenharam no decorrer dos tempos o papel de *“instrumentos eficazes para atingir a cabeça e coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico”* (CARVALHO, 1990, p. 55).

A mitologia, os contos de fadas, as produções cinematográficas e a literatura têm retratado, ao longo da história, a figura arquetípica do herói. Segundo MARTÍNEZ (1996),

*“Homero, no século VIII a. C., utilizou a palavra herói para denominar aqueles homens de coragem e mérito superiores, favoritos dos deuses. Hesíodo, por sua vez, atribuiu ao herói uma outra característica muito peculiar, a sua ascendência divina, ou seja, ter pai ou mãe unido (a) a um (a) mortal. Mas de modo geral, o herói é aquele guerreiro que se distingue por sua força, por sua coragem e sua ação”* (p. 29)

Pode-se dizer, então, que se trata daquele ser humano capaz de vencer qualquer obstáculo, lutando contra as imposições que o oprimem ou que oprimem o seu povo. Sua trajetória e conduta nos servem de exemplo e seus feitos e coragem conquistam nossa admiração. O herói é aquele que se sobressai, é o “ser iluminado”, aquele que se destaca, que finaliza a ação e não os

homens comuns que estão por trás. Bertold Brecht já questionou isso em seu texto “Perguntas de um operário letrado”:

*“ Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
Nos livros vem o nome dos reis.  
Mas foram os reis que transportaram as pedras?  
Babilônia, tantas vezes destruída,  
Quem outras tantas a reconstruiu?  
(...) César venceu os gauleses.  
Nem sequer tinha um cozinheiro a seu serviço?  
Quando a sua armada se afundou, Filipe de Espanha  
Chorou. E ninguém mais?  
Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos.  
Quem mais a ganhou?  
  
Em cada página uma vitória.  
Quem cozinhou os festins?  
Em cada década um grande homem.  
Quem pagava as despesas?  
  
Tantas histórias.  
Quantas perguntas.”*

Estudamos batalhas, revoluções, datas, a história dos grandes nomes e, com isso, exclui-se a história dos “sem história”, dos não heróis, dos homens comuns que fizeram os heróis emergirem. É como num jogo de futebol, muitos jogadores colaboram com seu chute para que a bola chegue ao gol, mas somente um, o que faz o gol, é quem leva a fama, é o herói do time. Todas as histórias, de todos os países têm como construtores delas, os heróis.

E o nosso herói, nas representações infantis, vem a cavalo, com espada na mão, com sua poderosa frase “Independência ou Morte”, capaz de libertar o Brasil ao ser pronunciada. E não é qualquer voz que pode bradar no Ipiranga e proclamar a Independência, tem que ser a voz de alguém iluminado, de um herói, de D. Pedro.

Herói que apareceu cheio de medalhas. Afinal, muitos heróis, como vemos em muitos filmes, merecem ser condecorados com medalhas. E por que não D. Pedro, o herói da pátria Brasil?

Patrícia Silva dos Santos 4<sup>o</sup> E<sup>o</sup> n<sup>o</sup> 33



Desenho 3: D. Pedro de medalhas e espada levantada

Mas “nosso” herói apareceu também, em muitos dos desenhos, com roupas mais simples, como veremos a seguir. Com chapéu caipira, loiro e sorridente, segura na mão a bandeira brasileira (símbolo de unidade nacional) e não uma espada (símbolo de corte/ruptura).

Independência do Brasil  
D. Pedro



*Desenho 4: D. Pedro (com cara de criança e com chapéu “caipira”) segura a bandeira do Brasil.*

A bandeira é um símbolo nacional marcante em comemorações cívicas e vitórias esportivas que representa, além do nosso país, a nós mesmos. GUIBERNAU (1996) afirma que os símbolos, normalmente, aparecem como elementos chaves em rituais celebrados pelos membros da nação. Mediante o simbolismo e os rituais, os indivíduos são capazes de experimentar uma emoção de uma intensidade inusitada, procedente de sua identificação com o nacional. O símbolo nacional marcante nos desenhos é a bandeira brasileira. Segundo HOBBSAWN (1984),

*“ A Bandeira nacional, o Hino nacional e as Armas nacionais são três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Em si já revelam todo o passado, pensamento e toda a cultura de uma nação” (p. 19).*

As crianças conhecem o símbolo bandeira, mas desconhecem o fato, já que a bandeira representada nas mãos de D. Pedro é a republicana e não a do império. Porém, nesse desenho, como nos outros, ocorre uma recriação, uma ressignificação. A criança trouxe elementos referentes à história da Independência, mas configura uma outra representação, de acordo com a recepção, apreensão, apropriação e ressignificação que fez da história, a partir de suas experiências e realidade. Imaginou um D. Pedro loiro, com vestes caipiras, segurando a bandeira

nacional (tão presente em comemorações cívicas e vitórias esportivas), apontando-nos que as representações não são estáticas, mas móveis, sofrendo constante influência de nossas experiências, idéias, sentimentos .

E o povo, aparece em alguma das representações elaboradas pelas crianças? Olha ele aí...



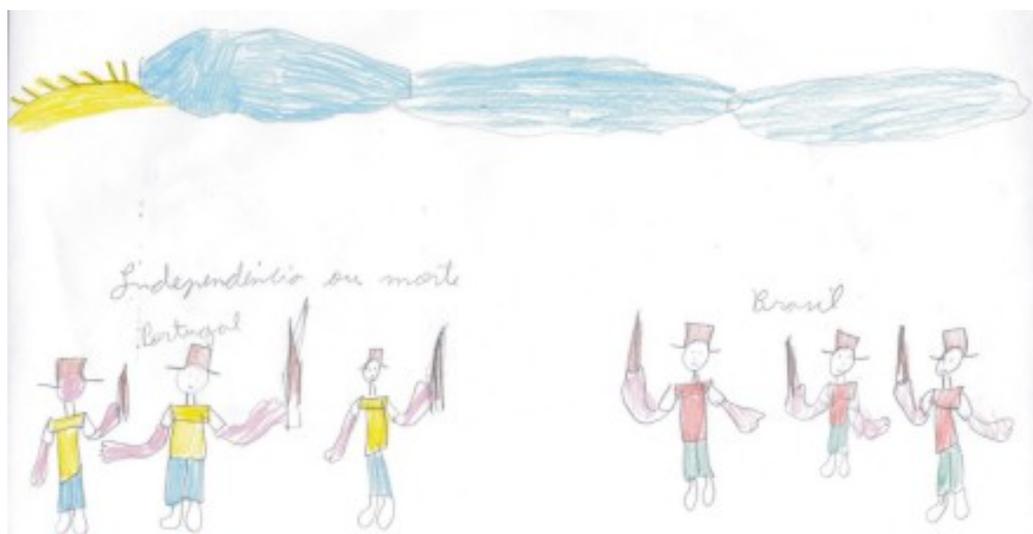
*Desenho 5: D. Pedro com a espada levantada proclama a Independência diante da população que assiste a ele. Uma pessoa está de braços cruzados, outra com a mão na boca, outra dando as costas à D. Pedro. A população está sem camisa e descalça, alguns de bermuda e outros de calça.*

Povo também aparece, mas como espectador, quem age é o nosso herói D. Pedro. Nosso? O povo parece indiferente. Braços cruzados, um dando as costas, outros descamisados, alguns descalços, outros de bermuda. Homens representados como povo excluído, não dão vivas, nem fazem festa, não reagem diante de ação de D. Pedro, são espectadores. Afinal, a independência foi significativa para eles? Beneficiou a todos?

Essa criança divergiu das outras ao representar a Independência. Seus traços questionam o herói, resultando numa releitura crítica da história. Apoio-me em De Certeau (1994) para dizer que esse aluno agiu de maneira *tática*. Este termo foi utilizado por De CERTEAU (1994) em seu trabalho “A invenção do cotidiano”. Ao procurar sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores supõe que são do tipo tático: habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, “*gestos hábeis do fraco na ordem estabelecida pelo forte, arte de dar*

*golpes no campo do outro*”(p. 104). Assim, a tática é a ação calculada, o jogo num terreno que é imposto, utilizando-se das falhas que as conjunturas vão abrindo, criando surpresas (astúcia). Esse aluno agiu de maneira tática, “jogou” com o terreno que lhe foi imposto (as estratégias: produção cultural, imagens em livros didáticos, textos, discursos, museus e outros), fazendo uma releitura da história, colocando em questão o uso que fazemos do que nos é imposto.

E os soldados? Onde estão os soldados? Lutando.



*Desenho 6: Soldados portugueses lutando pela Independência contra soldados brasileiros*

Portugal de um lado, gritando e lutando pela independência, Brasil de outro. Três contra três. Quem será o vitorioso? Nesta representação a confusão se instala, assim como na que se segue:

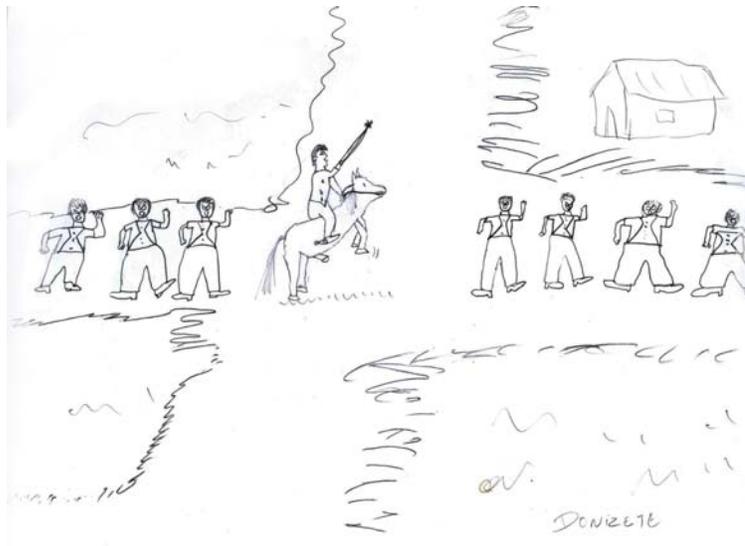


*Desenho 7: O sol por entre as nuvens e D. Pedro, montado em seu cavalo, levanta sua espada e pronuncia a frase “Independência ou Morte”, às margens de um rio. Neste rio, tem uma caravela com uma bandeira de saudação:” Viva, viva, viva a Independência”*

Caravelas, brigas/lutas, descobrimento e independência... Séculos separam estes dois fatos. Não é de se espantar a confusão evidenciada nestas duas representações, pois a escola, muitas vezes, centra o conhecimento histórico em datas, fatos e heróis, em uma realidade conceituada. Vale destacar que de acordo com os estudos de FERREIRA (1998) sobre a imaginação e linguagem no desenho da criança,

*“o desenho da criança não reproduz uma realidade material, mas uma realidade conceituada. Ou seja, o desenho da criança exprime o conhecimento conceitual que a criança tem de uma dada realidade. Conhecimento que é construído socialmente e para o qual concorrem memória, que possibilita o registro do que é conhecido e conceituado, e imaginação, que, conforme Vygotsky, também está vinculada às experiências acumuladas pelo sujeito.” (p. 12)*

Uma das representações nos remete à representação de Pedro Américo.



Desenho 8: D. Pedro não está só, mas acompanhado por soldados. Colocado no centro, empinando seu cavalo, tem a espada levantada e na ponta da lâmina um brilho se faz presente.

O cavalo, a espada, a casinha, a estrada... tudo parece familiar. FERREIRA (1998) afirmamos que as crianças não desenham o que vêem, mas o que sabem do objeto. Este desenho configurou-se em uma representação que se aproxima de uma já existente, a obra de Pedro Américo.

Todas essas representações não foram construídas do nada. Todo um aparato foi organizado, desde o século XIX, para que a figura de D. Pedro, sua frase e a data 7 de Setembro fossem perpetuadas. Segundo Fonseca (2001), na escola, o movimento de ouvir, ler, ver e repetir fixa imagens, tornando-as parte do que a autora chama de “senso comum histórico”. Mas veremos que esse movimento de ouvir, ler, repetir está também além muros escolares.

Pinturas como a de Pedro Américo foram importantíssimas para a constituição de uma “memória visual da nação” (FONSECA, 2001)<sup>5</sup> e da Independência.

---

<sup>5</sup> Segundo a pesquisadora, a obra de Pedro Américo faz parte da tríade de pintura históricas que constitui a base fundadora da memória visual da nação, desde o século XX. Essa tríade é iniciada com a *Primeira missa*, seguida da *Batalha dos Guararapes* e encerrada com *Independência ou Morte*.



Independência ou morte – Pedro Américo

Esta pintura, intitulada como *Independência ou Morte*, encomendada pelo governo de São Paulo e concluída em Florença, em 1888, pertence a um momento histórico específico, em que estratégias de produção de imagens patrióticas estavam sendo postas em prática, a fim de legitimar o sistema vigente e construir um imaginário nacional. É um quadro produzido no Império para perpetuar o Império.

Não podemos negar que é uma imagem familiar a muitos que freqüentaram a escola, já que na “carona” dos livros didáticos entraram nas salas de aula, dando um certo grau de veracidade a muitos textos. A representação de Pedro Américo foi de tal forma incorporada em nosso imaginário coletivo que ao vê-la a identificamos rapidamente, é o que SALIBA (1999) chama de *imagem canônica*.

Por ser considerada uma representação oficial, deteve por muito tempo, um certo poder no âmbito educativo, pois levava a uma visualização concreta e fidedigna da história da Independência, representando o momento exato em que D. Pedro, levantando sua espada, rompe os laços que uniam Brasil e Portugal. Além de D. Pedro, estão representados também cavaleiros de seu séqüito, que o saúdam com chapéus e lenços, dois cavaleiros que chegam a galope, a Guarda de Honra que, de costas para o espectador, responde ao brado do príncipe. Vale destacar que um membro da Guarda arranca de sua farda o laço vermelho e azul que simbolizava a união entre a colônia e sua metrópole. Está também representado um caipira com seu carro de boi, à margem esquerda, observando a cena histórica.

Segundo OLIVEIRA & MATTOS (1999), a função do caipira é de observador, tanto por sua posição, quanto por seu tamanho e proximidade. Ele representa o “povo brasileiro” que, juntamente com as outras duas figuras marginais à esquerda, “*não tem qualquer papel ativo a*

*desempenhar, depositando, no entanto, de bom grado, seu destino nas mãos do soberano da nação”* (p. 97).

As mesmas pesquisadoras apontam que Pedro Américo se reportou às imagens de Napoleão, encontradas na pintura oficial francesa do século XIX, para reforçar a imagem heróica de D. Pedro no quadro. Uma das fontes privilegiadas da tela *Independência ou Morte* foram as telas de batalha de Ernest Meissonier, que o artista brasileiro estudou detalhadamente, dentre elas a Batalha de Friedlnad (1875).



Batalha de Friedland (detalhe) - Ernest Meissonier

Metropolitan

Desta forma, Pedro Américo procurou transpor as qualidades de estadista de Napoleão para o perfil de D. Pedro.

O quadro *Independência ou Morte* sempre foi muito disseminado nos livros didáticos de história. A pesquisa de Fonseca (2001), vem comprovar essa afirmação. Foram pesquisados 35 livros, didáticos e paradidáticos, publicados espaçadamente entre 1918 e 2000:

OBRAS DE ARTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

AUTOR	OBRA	Nº DE OCORRÊNCIAS
Almeida Júnior	A partida da monção	08
Antonio Parreiras	Zumbi	02
Antonio Parreiras	Julgamento de Felipe dos Santos	07
Antonio Parreiras	Jornada dos mártires	07
Antonio Parreiras	Os invasores	01
Antonio Parreiras	Os mártires da revolução Pernambucana de 1817	02
Aurélio de Figueiredo	O martírio de Tiradentes	04
Aurélio de Figueiredo	Descobrimento do Brasil	01
Autran	Tiradentes	05
Benedito Calixto	Fundação da Vila de São Vicente	09
Benedito Calixto	Anchieta e Nóbrega na cabana de Pindobuçu	01
Benedito Calixto	Partida de Estácio de Sá de Bertioga para o Rio	02
Benedito Calixto	Domingos Jorge Velho	06
Benedito Calixto	Chegada da Frota de Martim Afonso de Souza	03
Benedito Calixto	Martim Afonso a caminho de Piratininga	01
Benedito Calixto	O poema de Anchieta	01
Eduardo de Sá	Leitura da Sentença	07
Eduardo de Sá	Fundação da Pátria Brasileira	01
François René Moreaux	Proclamação da Independência	05
Henrique Bernardelli	Ciclo da Caça do Índio	02
José Walsh Rodrigues	Alferes Joaquim José da Silva Xavier	06
Leopoldino de Faria	Leitura da Sentença	01
Manoel Joaquim Corte Real	O padre Nóbrega salvando catecúmenos das mãos do gentio	01
Oscar Pereira da Silva	Fundação de São Paulo	02

Oscar Pereira da Silva	Encontro de Monções no sertão	01
Oscar Pereira da Silva	Índios a bordo da capitânea de Cabral	02
Oscar Pereira da Silva	Desembarque de Cabral em Porto Seguro	03
<b>Pedro Américo</b>	<b>Independência ou Morte</b>	<b>13</b>
Pedro Américo	Tiradentes Esquartejado	06
Pedro Peres	Elevação da Cruz em Porto Seguro	06
Rafael Falco	Tiradentes ante o carrasco	04
Rodolfo Amoedo	O último Tamoio	01
Rodolfo Amoedo	Ciclo do ouro	01
Theodoro Braga	Anhanguera	02
Victor Meireles	Batalha dos Guararapes	06
Victor Meireles	Primeira missa no Brasil	05

*Tabela 1 ( Fonte: FONSECA, 2001, p.121) – grifo meu*

De acordo com a tabela, a obra de Pedro Américo tem o maior número de ocorrências.

A obra *Independência ou Morte* é também, ainda hoje, muito utilizada nas escolas. Em 2002, a Secretaria do Estado de São Paulo promoveu, na semana da Pátria, a Gincana da Cidadania. Escolas de todo o Estado participaram, envolvendo alunos do ensino fundamental e médio. Esses alunos tiveram que criar uma coreografia a partir de um tema, escrever um poema sobre a cidadania e criar um quadro vivo, fazendo uma releitura da obra de Pedro Américo “*Independência ou Morte*”. Por morar em Mogi- Mirim/SP, pude acompanhar algumas movimentações<sup>6</sup> e apresentações, que foram feitas em um ginásio esportivo da cidade:

---

<sup>6</sup> Figuras extraídas do jornal local de Mogi-Mirim “A Comarca”, de 07/09/02



Quadro vivo sobre a Independência baseado na obra do pintor Pedro Américo

#### Gincana da Cidadania

Fonte: Jornal *A Comarca* – Mogi-Mirim, 7/09/02

A “releitura” feita confirma a versão pintada por Pedro Américo. Na Gincana a tarefa era criar um quadro vivo, fazendo uma releitura, mas a partir da iconografia de Pedro Américo, uma versão da Independência foi tomada e legitimada como verdadeira. Se perguntarmos sobre a Independência do Brasil às crianças, adolescentes e jovens que participaram dessa gincana, certamente, a imagem revelada será composta por D. Pedro, sua espada, sua frase “Independência ou Morte” e a Guarda de Honra. Aqui, não ocorreu um movimento *tático*, uma *inversão*, a releitura. Que uso se fez do quadro? Fortaleceu-se a história contada nos bancos escolares por muito tempo, a partir de uma concepção tradicional de história, fortaleceu-se a versão expressa na obra de Pedro Américo. Não podemos negar que ocorreu uma relaboração, mas não uma releitura trazendo o significado do ser independente hoje. A independência parou no tempo, em 1822.

Uma outra escola apresentou um teatro de marionetes, também encenando a versão apresentada na obra de Pedro Américo.



*Marionetes encenaram a Proclamação da Independência*

#### Gincana da Cidadania

Fonte: *Jornal A Comarca* – Mogi-Mirim, 7/09/02

Podemos observar que os tempos são outros, mas a escola, muitas vezes, continua sacralizando o herói D. Pedro e a versão da Independência pintada por Pedro Américo. Se a gincana era da cidadania, pergunto: o que é cidadania? Sabemos que é um conceito que apresenta várias possibilidades de abordagem, porém, um consenso existe entre os estudiosos: cidadania diz respeito aos direitos e deveres e envolve, dentre outras coisas, a liberdade de pensamento e a participação. Os alunos participaram da gincana, mas o fizeram para exaltar um herói, uma determinada versão. História e cidadania se distanciaram, pois considerar uma história construída e cravada no herói é negar o cidadão como sujeito também da história. Aqui entraria a discussão sobre a formação do professor, o que não está nos objetivos desta dissertação, mas cabe destacar que muitos deles chegam à escola com uma visão linear e fragmentada da história, presa no passado e, além disso, muitos chegam “analfabetos” na leitura de imagens. Diante de tudo isto, não podemos perder de vista que ainda hoje, a escola

" é um dos principais instrumentos destinados à perpetuação do herói. É lá que datas cívicas, festejos e comemorações - sem falar das aulas - reforçam na memória das crianças a saga desses personagens especiais..." (MICELI, 1988, p. 18).

Outra pintura que representa a Independência e que merece atenção, já que também está presente em alguns livros didáticos é a *Proclamação da Independência*, do pintor francês François-René Moreaux (1807-1860), conhecido por muitos trabalhos encomendados pela Corte, como o retrato de D. Pedro II.

A *Proclamação da Independência*, concluída em 1844, diferencia-se bastante da obra de Pedro Américo:



*Proclamação da Independência – François René Moreaux*

Nesta imagem, D. Pedro está no primeiro plano, saudando com chapéu a boa nova, cercado por muitos civis e vários militares a cavalo, todos dando vivas. D. Pedro está mais próximo da população, do povo.

Segundo MATTOS (1999), nesta pintura,

*“Tanto o príncipe, quanto várias figuras que o acompanham dirigem seus olhares para o céu, de onde desce um raio de luz que ilumina a cena. Moreaux apresenta D. Pedro como*

*o consumidor de uma vontade divina. Nesta representação não está em jogo a sua habilidade política, tampouco o perfil de seu caráter ou sua capacidade de liderança. A imagem enfatiza o evento em sua ligação com a providência divina...” (p. 90).*

Ou seja, D. Pedro é representado como um instrumento de Deus, cuja missão era proclamar a Independência do Brasil. É alguém que não deixa de ser iluminado, verdadeiro herói com as bênçãos do céu.

Mas não são só pinturas, como a de Pedro Américo e François-René Moreaux que atuam neste campo das representações e construção de uma história oficial. Outros instrumentos foram necessários para sustentar e fazer perpetuar o agente histórico responsável pelo destino da coletividade (D. Pedro) e para criar um clima comemorativo em torno da data 7 de Setembro. Os desfiles cívicos, o hasteamento da bandeira brasileira e o canto do Hino Nacional são alguns desses instrumentos, muito presentes na escola e demais instituições, que fazem parte de um ritual capaz de também imprimir marcas e atuar na construção de representações e na rememoração da história da Independência.

A Bandeira Nacional e o Hino Nacional, por serem símbolos *através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania*, são importantíssimos para celebração do dia da Pátria. A utilização destes símbolos, em cultos e rituais cívicos, tem um efeito regenerador da displicência cívica, aumentando a disposição para a prática do civismo, orgulho e amor à pátria e “mexendo” assim, com a cabeça e coração das pessoas.

Com relação ao Hino Nacional, de Joaquim Osório Duque Estrada, vale destacar que, segundo BITTENCOURT (1990), sua frase introdutória “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas” faz referência à pessoa D. Pedro, colocando-o no rol dos ilustres que criaram a nação.

Completando o círculo dos rituais, presentes nas escolas e outras instituições, estão os desfiles cívicos que têm um raio de ação educativo muito amplo, pois além de envolver o escolar, envolvem também a população que assiste. GUIBERNAU (1996) ressalta que a repetição de rituais injeta energia aos membros da nação, portanto, as crianças, os adolescentes e jovens ao participarem dos rituais e desfiles cívicos, que acontecem todos os anos, prestam homenagem à Pátria “independente” com seus passos firmes, ao som de fanfarras, colorindo as ruas com seus uniformes em uma ocasião na qual podem se sentir unidos, mostrando emblemas e símbolos que representam a unidade da nação. Mas esse ritual celebrativo não é algo recente. RYAN (1992) mostra-nos que relatos, entre 1825 e 1880, na imprensa norte-americana revelam que os norte-americanos criaram essa forma de comemoração pública, na qual uma parte considerável da

população urbana organizava-se em pelotões, companhias, regimentos, tropas e colunas e desfilava ao longo das vias públicas, constituindo a história que um povo contava sobre si mesmo. Desta forma, os desfiles revelavam representações comunitárias e constituíam na principal atração em feriados como o de 4 de julho, o dia da Independência dos Estados Unidos.

O dia da Independência é considerado uma data cívica e comemorado em todos os países, pois representa o nascimento da nação. Segundo CHAUI (2001), a palavra nação vem do verbo latino *nascor* (nascer) e de um substantivo derivado desse verbo, *natio* ou nação, que significa o parto de animais, o “parto de uma ninhada”. E “*por significar o parto de uma ninhada, a palavra natio/ nação passou a significar, por extensão, os indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe e depois, os nascidos de um mesmo lugar*” (CHAUI, 2001, p.14). O dia que marca o parto da nossa nação é o 7 de Setembro. Porém essa data é questionada por alguns pesquisadores, que salientam os trâmites de sua construção política.

OLIVEIRA (2002) nos revela que entre 1822 e 1825, a data 7 de Setembro sequer figurou no calendário da celebração do Império, entre as quais se encontravam o dia do Fico, 9 de janeiro, e o 12 de outubro, natalício de D. Pedro e data de sua aclamação popular como imperador.

De acordo com a mesma pesquisadora,

*“Foi em 1826 que o Parlamento aprovou, em sua primeira legislatura, a introdução do 7 de Setembro na categoria de festividade nacional. E é importante lembrar que essa decisão verificou-se sob circunstâncias bastante peculiares, pois foi imediatamente posterior à formalização dos tratados diplomáticos de reconhecimento da independência e concomitante à divulgação do relato detalhado de uma testemunha ocular- o padre Belchior Pinheiro Ferreira- das ocorrências que tiveram lugar no Ipiranga quatro anos antes.” (OLIVEIRA, 2002, p. 67)*

A comemoração do 7 de Setembro sobrevive há mais de um século. Mesmo com o início da República (os republicanos eram contrários à figura de D. Pedro, representante da Monarquia), manteve-se consagrada, porém minimizou-se os feitos de D. Pedro, fazendo prevalecer a comemoração da Independência como momento da conquista da liberdade.

Marcando ainda com mais força essa conquista da liberdade e vinculado às práticas celebrativas que cercam a Independência do Brasil está o Museu Paulista (com monumentos, pinturas- como a de Pedro Américo- e objetos diversos).

O Museu é um marco celebrativo da Independência, “*assinalando de forma imaginária o ponto a partir do qual teria se originado a nação*” (OLIVEIRA, 2002, p. 73). O edifício foi construído entre 1885 e 1890 para projetar a versão conservadora da proclamação da Independência e da fundação do império. Foi patrocinado por políticos e capitalistas, com o apoio de D. Pedro II. O Museu foi inaugurado oficialmente a 7 de Setembro de 1895 e traz, ainda hoje, através de objetos, retratos, pinturas, uma narrativa histórica transformada em linguagem visual. Como diz OLIVEIRA (2002):

*“A questão é que ‘monumentos’ e ‘valores de época’ são emblemas de uma celebração. Não foram escolhidos e ali colocados para suscitar questionamentos a respeito do processo histórico da independência, mas para autenticar a memória da independência inscrita nas figuras e imagens que formam a decoração interna do prédio” (p. 79)*

O fato é que o Museu, com sua narrativa visual, acaba assumindo uma postura de “educador” e narrador da história da nação. Pedagogicamente, a imagem constitui um poderoso instrumento de retenção mnemônica. De acordo com a Sociedade Norte Americana Socondy Vacuum Oil Co<sup>7</sup>,

COMO SE APRENDE	COMO SE RETÉM
1,0% em função do gosto	10% do que se lê
1,5% em função do tato	20% do que se escuta
3,5% em função do olfato	30%do que se vê
11,0% em função da audição	50% do que se vê e se escuta
83,0% em função da visão	70% do que se diz e se discute e 90% do que se diz e logo faz

Tabela 2 (Fonte: Senai, DN. *Uma introdução à educação à distância*. Rio de Janeiro, 1997, p. 107)

Portanto, a imagem tem poder! CALADO (1994) alerta-nos que a imagem tem um poder sobre o domínio educativo. O primeiro poder da imagem é o de convencer, quando são tomadas como provas, como testemunhas. O segundo poder da imagem é o de comover, já que a imagem

<sup>7</sup> Senai, DN. *Uma introdução à educação à distância*. Rio de Janeiro, 1997, p. 107)

figurativa é expressiva e apelativa, prende o olhar, desperta prazer, desencadeia a evocação. No Museu Paulista, as imagens assumem o poder de convencimento, já que desempenham o papel de testemunhas da história da nação, assumindo a posição de lugar privilegiado de exibição do patrimônio como legitimação nacional. É um espaço que atrai muita gente (e excursões escolares), com seus monumentos, pinturas e história. Gente que procura de certa forma relembrar o passado a partir de “vestígios” deixados pelo tempo e por grupos sociais, alguns deles fabricados por encomenda para construir uma memória da nação.

OLIVEIRA (2002) aponta que

*“todos os anos, no dia 7 de Setembro, simultaneamente a desfiles e comemorações oficiais, o Parque da Independência, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, recebe significativo contingente de pessoas que ali se concentra, apropriando-se dos jardins e do espaço público para reverenciar a Casa do Grito e o Museu, assim como a cripta, localizada no Monumento do Centenário de 1922, onde estão depositados os restos mortais de D. Pedro...” ( p. 66)*

Outra linguagem que se ocupou em abordar o evento independência, numa narrativa imagética, é a cinematográfica e televisiva. São produções para adultos, mas que evidenciam a grande influência da versão pintada por Pedro Américo. O filme “Independência ou Morte” de Carlos Coimbra, por exemplo, retrata a versão histórica “oficial” que, por muito tempo, foi elucidada em livros didáticos. Assim, o espectador tinha a oportunidade de aprender essa história do país e do herói no filme. SCHIAVINATTO (2002) comenta que o ápice da narrativa desse filme

*“coincide com a proclamação do grito do Ipiranga que encena o quadro de Pedro Américo. Os cavaleiros, a guarda e D. Pedro ajeitam-se e posicionam-se de modo que se duplicou o quadro, inclusive com aquela figura cabocla na lateral, que passa e assiste o fato. Ali, o fato histórico elaborado pela pintura histórica convertia-se no acontecimento histórico, tal e qual, e a câmera flagrava-o de vários ângulos” (p. 97)*

Outra produção muito conhecida e mais recente é a minissérie de TV “O quinto dos infernos” que, embora traga um tom carnavalesco e caricatural, apresenta uma narrativa do ato da Independência calcada também na formação da cena pintada por Pedro Américo, com homens,

cavalos, espada ao alto. Aí vemos a atuação da representação de Pedro Américo na constituição de outras representações que incidem na memória da Independência. A partir desses elementos, podemos entender melhor as produções das crianças expostas no início deste capítulo.

São linguagens como as apresentadas aqui, televisivas, cinematográficas, iconográficas, rituais cívicos e outras, que fazem com que D. Pedro permaneça vivo na memória coletiva. Tão vivo que circula de mão em mão, diariamente, em cartões telefônicos e moedas de R\$ 0, 10.



*Cartão telefônico- Série personalidades do Brasil (Agosto de 2002)*

*Tiragem : 250.000*

Este cartão entrou em circulação em agosto de 2002, antecedendo e, de certa forma, preparando o clima para a Semana da Pátria. Saiu na série personalidades do Brasil, com uma tiragem de 250.000. Embora seja uma representação estampada em um objeto a ser consumido por adultos, cartões como este chegam às mãos das crianças, principalmente porque muitas delas e muitos adolescentes têm o costume de colecionar cartões telefônicos. No verso deste cartão vem um pequeno texto:

*“ D. Pedro I.*

*D. Pedro I, o rei que comandou de espada na mão a independência dos brasileiros. Soldado impetuoso na colina do Ipiranga ou no cerco do Porto. Não importam os erros políticos que acabaram encurtando o seu governo, tão popular no começo em que aderiu à Nação*

*brasileira e tão criticado no fim quando parecia ter renegado a democracia que tanto pregava. Por mais que o discutissem após sua morte, sua fama como gênio condutor das massas populares é inabalável. Faleceu precocemente aos 36 anos de idade.*

*Esta é a homenagem da CTBC, a mais brasileira das empresas de telecomunicações do Brasil, aos grandes nomes da nossa história.”*

Este texto atribui a D. Pedro todo o mérito da Independência, ou seja o coloca como herói, como “gênio condutor das massas populares” e encerra com chave de ouro ao ressaltar que sua fama é inabalável. Por fim, a empresa se coloca como a mais brasileira, prestando homenagem aos grandes nomes da história. Neste cartão, texto e imagem se completam formando a imagem de um herói, de alguém importante para a história da nação. Não podemos deixar de apontar que o texto traz informação equivocada quando chama D. Pedro de rei. D. Pedro foi o imperador do Brasil, jamais rei. E uma tiragem de 250.000 cartões levou consigo esta informação, “coroando” D. Pedro como rei do Brasil.

O busto de D. Pedro também aparece na moeda de R\$ 0, 10:

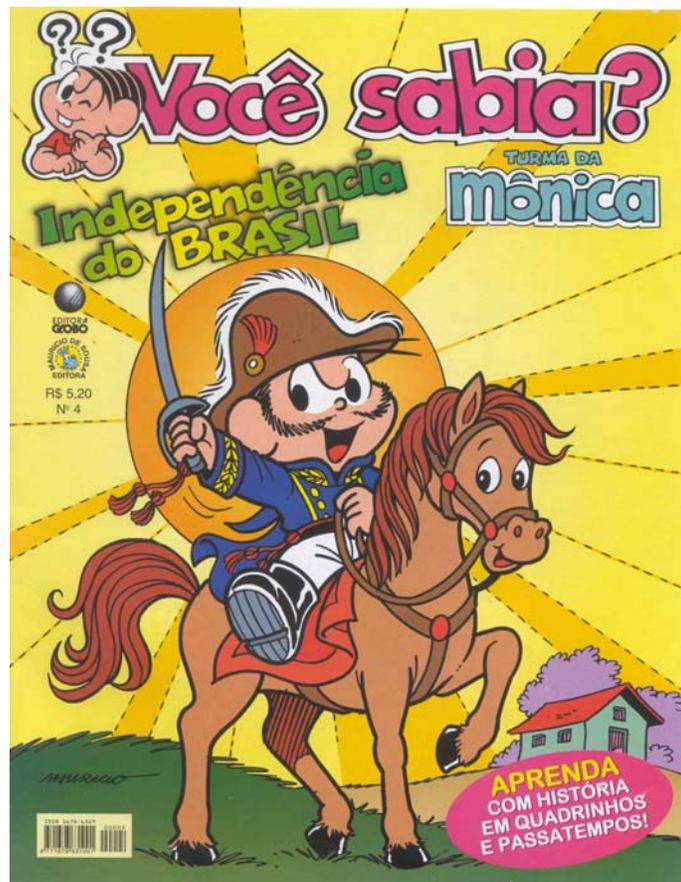


*Moeda de R\$ 0, 10 (Brasil- 2002)*

A moeda, bem mais acessível que o cartão, circula de mão em mão diariamente. Vale destacar que a moeda, por si só, é um símbolo de unidade nacional e nela geralmente, são impressas personagens tidas como importantes para o país. Por ser de R\$ 0,10 (pequeno valor) chega nas mãos de todos. Mais ricos, mais pobres, adultos e crianças.

Num primeiro plano, vemos o busto de D. Pedro e, num segundo plano, podemos observá-lo montado em um cavalo e com uma espada erguida. Imagem que nos remete e, ao mesmo tempo, fortalece a elaborada por Pedro Américo.

Em agosto de 2003, antecedendo a semana da pátria, saiu nas bancas, pela editora Globo, uma revista da Turma da Mônica que trazia como tema a Independência do Brasil. Ela procura resgatar a história do Brasil, desde a chegada da família real em 1808, culminando na proclamação da Independência e na construção de um herói. A capa já o anuncia: D. Pedro, representado por Cebolinha da Turma da Mônica. A proposta colocada na capa é: “aprenda com história em quadrinhos e passatempos!”, mas que história é essa, dirigida ao público infantil? É a história apoiada na versão tradicional, que muitas gerações aprenderam nos bancos escolares e livros didáticos? Certamente. A capa já nos dá uma idéia da versão assumida na história em quadrinhos.



*Capa da revista em quadrinhos Turma da Mônica –  
Editora Globo, n.º 4, Agosto/ 2003,*

Na capa, Cebolinha está montado em um cavalo, com a espada erguida, representando D. Pedro. Por detrás, um imenso sol, com raios que ocupam toda a página, anuncia o clarão da liberdade. Novamente, a imagem de alguém, um cavalo, uma espada impressa fortemente nas páginas e na memória.

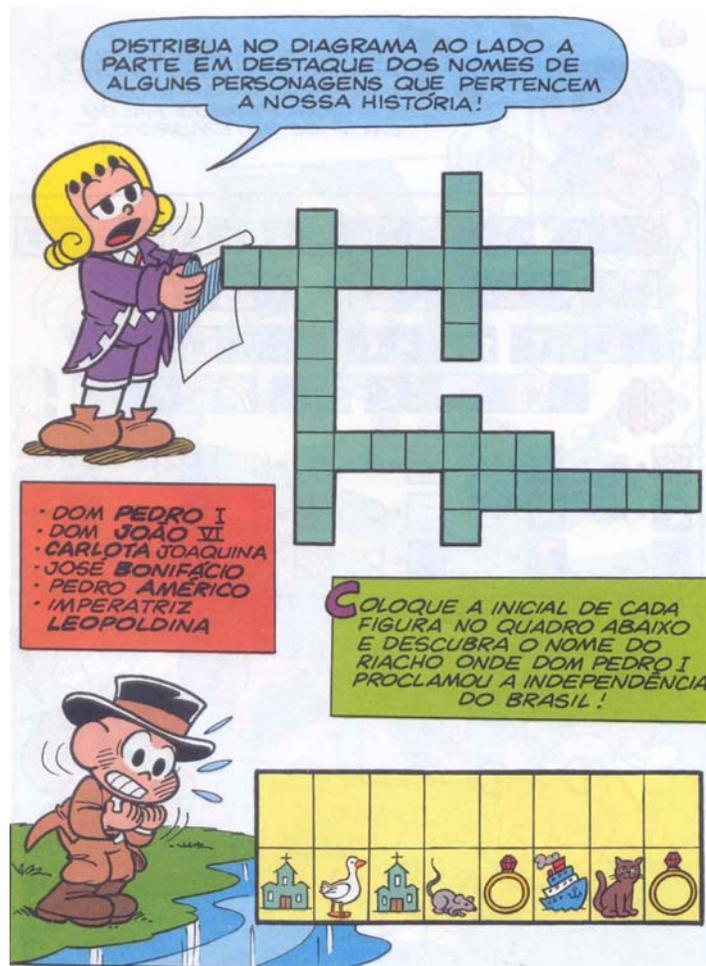
Na página 32 da revista, a ilustração remete-nos, novamente, à versão expressa no quadro de Pedro Américo. No entanto, é a Turma da Mônica que representa a cena, sem a figura do caipira à margem esquerda. A imagem de D. Pedro é edificada e sacramentada para as crianças leitoras. Cebolinha, assumindo o papel de D. Pedro grita “Independência ou Morte!!”, grito que segundo a historinha ecoou pelo país.



Página 32 da revista em quadrinhos da Turma da Mônica – Agosto/ 2003.

O desenrolar todo da história em quadrinhos se volta para culminar neste acontecimento; a narrativa vai sendo tecida em cima de uma versão da história em que o herói é o responsável pela condução do destino de um povo. Aponta-se para uma percepção da história como obra de atos de heroísmo, destinada a ser mais celebrada e decorada que compreendida e refletida.

Os passatempos que intercalam a narrativa (atividades como labirinto, diagrama, cruzadinha, jogo dos 7 erros, cartas enigmáticas etc.) procuram perpetuar nomes, datas e imagens. Privilegia-se nomes dos grandes vultos, elegendo-se suas ações como constituidoras da identidade nacional.



*Passatempo que intercala a história em quadrinhos-*

*Página 13 da Revista em quadrinhos Turma da Mônica/ 2003*

A criança, ao realizar as atividades do passatempo, vai “aprendendo” sobre a Independência do Brasil, ou melhor vai ingerindo e decorando, de forma fragmentada e linear a história da Independência e, ao mesmo tempo, vai incorporando implicitamente uma concepção de história e de sujeito histórico, ou seja, fazem história homens “iluminados”.



*Passatempo que intercala a história em quadrinhos*

*Página 17 da Revista em quadrinhos Turma da Mônica/ 2003*

Se observarmos com maior atenção os textos e as ilustrações desta revista, perceberemos também que alguns equívocos poderão ser encontrados, como por exemplo, na página acima, onde se misturam símbolos republicanos (bandeira brasileira, faixa verde-amarela) com símbolos do império (trono, manto vermelho, coroa)

Nesta revista, a história não é tida como um processo, mas como um fato, as desigualdades sociais, os conflitos, o avesso da história é totalmente ignorado. Cristaliza-se uma imagem, a do herói D. Pedro, tendo como pano de fundo a versão pintada por Pedro Américo.

Diante de tudo isso, podemos concluir que por entre linhas, em textos, traços e cores, em marchas, em hinos, moedas, revista em quadrinhos... circulam representações para a infância que vão construindo um imaginário em torno da Independência do Brasil. Imaginário criado em função de uma memória oficial nacional que acaba *regulando a vida coletiva e pautando perfis adequados ao sistema* (PESAVENTO, 1995), imaginário que ronda também a literatura infantil e juvenil, objeto desta dissertação.

Com relação ao que foi exposto, neste capítulo, adianto aqui questões a serem tratadas posteriormente: vimos que direta ou indiretamente, a versão estampada no quadro *Independência ou Morte* “assombra” as demais produções e objetos que abordam o tema. Um homem, um cavalo e uma espada já são ícones da Independência. Então pergunto: as imagens contidas nos livros infanto-juvenis aproximam-se da iconografia elaborada por Pedro Américo para contar a história da Independência?

## 2. A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E A HISTÓRIA DO BRASIL: ENCONTROS E DESENCONTROS...

*“Ama, com fé e orgulho,  
a terra em que nascestes!”*

*Olavo Bilac*

*“Livros são papéis pintados com tinta”*, escreveu uma vez Fernando Pessoa. Frase curiosa, que nos leva a pensar e a questionar: O que se pinta? Com que tinta? Quem pinta? Para quem? Como pinta? Ao sabor de que interesses? Olhar as marcas deixadas no papel por essa tinta é a proposta deste capítulo, trazer a literatura infantil e juvenil e a História do Brasil no plano central de discussão, tecendo com tinta, páginas de longa história.

A literatura infantil, por ter surgido na Europa (simultaneamente na França e Inglaterra) no século XVIII, pode ser considerada uma das formas literárias mais recentes. Ela nasceu embutida nas transformações trazidas pela revolução francesa, concomitantemente com a ascensão da família burguesa, doméstica e nuclear que passa a se organizar em torno da criança, merecedora de um espaço reservado e protegido dentro da sociedade. Embora já se expressasse um interesse especial pela criança já no século XVII (pelo surgimento de novos ramos da ciência como a pediatria, pela edição dos primeiros tratados de pedagogia escritos pelos protestantes ingleses e franceses), foi o século XVIII que colocou a infância no centro das atenções da sociedade moderna e isto por várias razões, dentre elas, a necessidade de fornecimento de mão de obra adestrada, a constituição das novas camadas dominantes (que se fazia pela educação e não mais pelo nascimento) e o mercado de consumo (produções para a infância: livros, jogos, brinquedos).

Nesse contexto, a literatura infantil e juvenil se constituiu um instrumento de propagação das idéias das classes burguesas, no século XVIII, junto às crianças com acesso a esse tipo de produção. Foi inserida neste cenário em que a burguesia se consolidava como classe social (tendo como aliadas a família e a escola para colaborar para a solidificação política e ideológica) que a literatura infantil entrou em cena, endossando valores da classe burguesa, reproduzindo seu comportamento e desempenhando um papel de mediadora entre a criança e a sociedade.

Vale ressaltar que em uma sociedade que crescia por meio da industrialização, a literatura assumiu desde o começo a condição de mercadoria e segundo LAJOLO & ZILBERMAN (1985),

é nesse ponto que os laços entre a literatura e a escola começam, já que a literatura trabalhava sobre a linguagem escrita e dependia da capacidade de leitura das crianças.

No Brasil, a literatura infantil surgiu quase no século XX, embora tenham circulado algumas publicações para crianças ao longo do século XIX, que segundo LAJOLO & ZILBERMAN (1985), eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. Eram traduções como “*As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen*” (1808) e a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira “*Leitura para meninos*”(1818), contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre a geografia, cronologia, história de Portugal e história natural (1818). Portanto, até fins do século XIX, a literatura para crianças e jovens que se encontrava no mercado (cujo acesso era restrito à elite burguesa) eram traduções, algumas publicadas no Brasil com a implantação da Imprensa Régia (em 1808) e outras importadas, constituindo, principalmente, traduções feitas em Portugal.

É somente nos arredores da proclamação da República que a literatura brasileira para a infância começa “*como sistema regular e autônomo de textos e autores postos em circulação junto ao público*” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p.24). A República trazia consigo a imagem que ambicionava (a de um país em modernização) e a escola, nesse contexto, exerceu um papel fundamental, sendo veículo de valores ideológicos, podendo contar com a literatura infantil para tal missão.

Intelectuais, jornalistas e professores começaram então a publicar livros para a infância, visando consolidar o projeto de um Brasil moderno. Se antes muitos textos eram traduzidos e adaptados de várias histórias européias, agora, era o momento de uma literatura infantil brasileira, calcada em uma justificativa nacionalista e patriótica. Obras como “*Contos infantis*” (1886) de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Viera, o livro “*Pátria*” (1889) de João Vieira de Almeida, “*Por que me ufano de meu país*” (1901) de Afonso Celso, “*Contos pátrios*” (1904) de Olavo Bilac em parceria com Coelho Neto, “*Histórias da nossa terra*” (1907) de Júlia Lopes de Almeida endossaram a idéia de fazer da leitura instrumento de difusão do civismo e patriotismo, privilegiando-se a dimensão pedagógica e moralizante do texto.

BITTENCOURT (1993) classifica esses livros como livros de leitura<sup>8</sup>. Apresentavam conteúdos de história, pois nessa época, concebia-se que a história poderia ser objeto de estudo desde o início da alfabetização. Segundo a pesquisadora, nesses livros de leitura, dessa fase nacionalista,

*“a História do Brasil passou a ocupar um lugar mais destacado. Começaram a ser escritas histórias sobre as tradições brasileiras, informações sobre ‘costumes indígenas’, ‘heróis nacionais’ e seus feitos. Biografias de figuras da história nacional engrossaram, freqüentemente, o repertório desta literatura. Os livros de leitura que se constituíram como mais representativos na divulgação da História nacional foram os de Olavo Bilac, especialmente Contos pátrios e Através do Brasil”* (BITTENCOURT, 1993, p. 214)



*Capa do livro Contos Pátrios de Olavo Bilac e Coelho Netto  
Figura extraída da tese de doutorado de Circe Bittencourt (1993)*

---

<sup>8</sup> Segundo BITTENCOURT, livro de leitura é um tipo específico de leitura para a infância que deveria fornecer conhecimentos variados e incentivar o gosto pela leitura. Além disso, as obras deveriam possuir um conteúdo moral e estar em consonância com os programas escolares. Ver BITTENCOURT, Circe. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. Tese de doutorado/ USP, 1993.

Foi considerando a justificativa nacionalista e patriótica, que alguns autores brasileiros foram buscar inspiração em algumas obras européias. Uma delas é de 1877, *“Le tour de la France par deux garçons”* de G. Bruno (pseudônimo de Augustine Tuillierie), que narrada em 3ª pessoa, tem como tema central dever e pátria, reforçando o sentimento nacional e o respeito à família. Outra obra importante foi *“Cuore”* de 1886, do editor italiano Edmond De Amicis, em que o patriotismo é a grande lição. E foi tendo essas duas obras como modelos, que Olavo Bilac e Manuel Bonfim publicaram em 1910 *“Através do Brasil”* que narra a grande viagem de Carlos e Alfredo em busca do pai tido por morto. Cumprindo o périplo que uma grande viagem representa, os meninos concretizam geograficamente o título do livro e redescobrem sua pátria, difundindo a idéia de um Brasil grande e unido. Isso evidencia personagens infantis adoçando projetos nacionais. *Através do Brasil* transmitia valores, celebrava cenários brasileiros e homenageava grandes vultos pátrios, além de estar em consonância com os currículos escolares da época, que objetivavam a institucionalização de uma memória nacional. Nessa mesma época, outras obras investiram nessa idéia de fazer da literatura infantil instrumento de difusão do *“civismo, patriotismo, da brasilidade sugerida e sublinhada pela alusão a episódios e heróis brasileiros e pela exaltação da natureza”* (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p.35). Assim, a literatura assumiu um caráter excessivamente *“pragmático e utilitário”* (PERROTTI, 1986).

É importante destacar que Olavo Bilac foi um importante escritor neste período de constituição de uma memória nacional, pois ele foi o expoente maior do civismo patriótico da época. BITTENCOURT (2001), ao tratar das tradições nacionais e do ritual das festas cívicas, destaca que, além do culto sacralizado à bandeira e à pátria, *“os alunos liam as obras didáticas de Olavo Bilac que foram adotadas, na maioria das vezes, em caráter obrigatório nas escolas primárias”* (p.51) e que até a década de 1950, a lista de livros adotados nas escolas primárias incluíam as obras desse autor. Esse intelectual, *“autor do Hino à Bandeira e de inúmeras poesias patrióticas que foram declamadas por alunos em várias gerações, dedicou-se, nos anos finais de sua vida, à difusão do espírito nacionalista entre a juventude, em conferências por todo o país”* (p. 49).

Um pouco antes, em 1907, Júlia Lopes de Almeida havia publicado *“Histórias da nossa terra”* que tinha também como foco o amor à pátria. Em muitos trechos do livro, *“o patriotismo se expressa através de juízos elogiosos e entusiasmados, emitidos por várias personagens a propósito dos grandes vultos da história brasileira”* (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p.36).

É importante enfatizar que nas primeiras décadas da República,

*“além da história da pátria ser tema preferencial de livros de leitura e das músicas escolares, havia outros recursos de comunicação com rituais e símbolos construídos para institucionalização de uma memória nacional.”* (BITTENCOURT, 2001, p.44)

No decorrer do processo de modernização da sociedade brasileira, os livros infantis tinham um caráter profundamente nacionalista, a ponto de apresentarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, era uma literatura, preferencialmente, educativa e bem comportada, podendo circular com facilidade na sala de aula, já que ia ao encontro do projeto político e ideológico do sistema vigente.

Considerando estes passos calculados da nossa literatura para a infância no início do século XX, observamos o encontro da literatura infantil com a história, com os heróis, com a pátria. Encontros traçados nas linhas e entrelinhas das páginas dos livros infantis. Tintas e palavras que marcaram o papel e a memória. Tintas e palavras que amarraram a literatura para crianças à história da pátria.

Diante disso, é relevante frisar que a história, enquanto disciplina escolar, não foi ensinada somente nas aulas específicas destinadas a este saber, pois desempenhava um papel importante para a legitimação da tradição nacional e para a institucionalização de uma memória nacional. Os conteúdos de história circulavam em aulas de música, de geografia, de artes... e também na literatura para crianças e jovens. As obras de leitura até aqui citadas (Contos pátrios, Pátria, História da nossa terra, Através do Brasil...) apresentavam conteúdos de história, afinal, o ensino de história fazia parte do corpo das disciplinas básicas para a formação do cidadão.

Os programas de ensino de história de 1918, por exemplo, traçavam para os anos iniciais da escolarização o conhecimento da Pátria, através de descrições que garantissem despertar na criança o interesse e sentimento de entusiasmo pela Pátria. Estudavam-se os vultos mais notáveis da história do Brasil, configurando, por esse caminho, *“ a construção da imagem da pátria para se buscar a identidade nacional, a qual só poderia se construir com agentes sociais únicos produtores do passado histórico”* (BITTENCOURT, 1990, p. 132). E tudo isto, as tintas marcaram nas páginas da literatura infantil e juvenil nas primeiras décadas do século XX, ou seja, a literatura para crianças e jovens comungava com o projeto de construção da memória nacional e do patriotismo.

Nesse panorama histórico da literatura infanto-juvenil no Brasil, não podemos deixar de colocar em evidência Monteiro Lobato, que segundo SANDRONI (1998), foi a partir dele que a

literatura infantil perdeu uma de suas principais características “*a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estrutura que devem ser reproduzidas*” (p. 14).

Lobato, nacionalista, engajado, comprometido com os problemas de seu tempo, revolucionário no campo da literatura infantil, foi o primeiro a fazer do folclore tema presente em suas histórias, através dos personagens tia Nastácia e tio Barnabé, que traziam as superstições e as crenças próprias da população analfabeta. Além disso, valorizava a linguagem coloquial, buscando a fala brasileira (que pouco depois o Modernismo iria consagrar).

Lobato também tinha um modelo de nação implícito em suas obras. LAJOLO e ZILBERMAN (1985) acentuam que

*“o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil” (p. 56)*

A neutralidade do discurso lobatiano deixaria a sua literatura sem sentido. Através de suas histórias, Lobato trazia para o universo da criança os grandes problemas (guerra, política, ciência, petróleo...), antes pertencentes somente ao mundo adulto. Tais histórias eram fontes de reflexão, de questionamento e de crítica, evidenciando assim uma concepção de criança inteligente, capaz de compreender, refletir e transformar, o que vai ao encontro da visão de mundo de Lobato, cada vez mais preocupado com a miséria do povo, adversário de idéias, crenças, valores que favoreciam a manutenção do *status quo*. “*Era propósito do autor legitimar um projeto de reconstrução social, pela literatura*”(RUSSEFF, 2003, p. 282)

Por volta de 1933, Monteiro Lobato também publicou um livro para crianças abordando a história: “*História do mundo para crianças*”, “*no qual assume um posicionamento iconoclasta em relação aos valores estabelecidos quando estes se referem aos fatos históricos apresentados à infância na escola*” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p.77). Lobato rejeitava qualquer atenuante para o comportamento dos heróis e evitava a ótica religiosa que tinha grande influência na educação brasileira, sendo na visão dele, um empecilho à renovação da escola tradicional.

Embora Lobato tenha sido um marco histórico no campo da literatura infantil, a idéia do adulto que escreve para a criança permanece, porém, havia em Lobato a preocupação de tornar

suas histórias interessantes às crianças. Defendendo isso, RUSSEFF (2003) cita um trecho de uma carta dele a um amigo chamado Rangel:

*“Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: interesse às crianças” (p. 274)*

RUSSEFF comenta, em seguida:

*“Não se vai aqui negar o tino empresarial de Lobato, a farejar um bom negócio nesse interesse das crianças por livros que se pudessem vender ‘às pencas’, como gostava de dizer. Mas, a par disso, o que se pode depreender é o seu desejo de intervir numa literatura sistematicamente menosprezada pelos contemporâneos, valorizando aqueles virtuais leitores mirins a partir da sondagem de seus interesses.” (p. 275)*

No ano seguinte à publicação do livro “História do mundo para crianças”, de Monteiro Lobato, Viriato Corrêa lança “História do Brasil para crianças”, que se constituía em uma série de obras em que os protagonistas eram os heróis da pátria e o passado nacional. Corrêa destacava em especial os heróis portugueses e reforçava concepções mais patrióticas e menos polêmicas. Assim, perpetuava-se uma história centrada em heróis, indo ao encontro da concepção de história assumida e transmitida na escola naquela época.

Lembremos que as reformas educacionais Francisco Campos (1931) e Gustavo Capanema (1942) definiram diretrizes do ensino de História do Brasil. A primeira preocupava-se com a educação política dos adolescentes e a segunda ampliava essa educação para a formação de uma consciência patriótica. Segundo FONSECA (2003),

*“As concepções unitaristas e nacionalistas da educação, presentes desde o século XIX, foram acentuadas pelas reformas Francisco Campos, de 1931, e Gustavo Capanema, de 1942, que elegeram o estudo da História do Brasil como fundamental na formação moral e patriótica. Essa educação encontraria nos livros didáticos importantes instrumentos e junto às festas cívicas, constituiriam eficaz arsenal pedagógico” (p. 73)*

E a literatura infantil e juvenil não ficou de fora desse projeto traçado para o ensino de história, já que andava em consonância com a política unitarista e nacionalista. A reforma Capanema colocava que para a terceira e quarta séries do curso ginásial o estudo de História do Brasil visava a formação da consciência patriótica, “*através de episódios mais importantes e dos exemplos mais significativos dos principais vultos do passado nacional...*” (p.102) e essa consciência patriótica também foi endossada pela literatura infanto-juvenil.

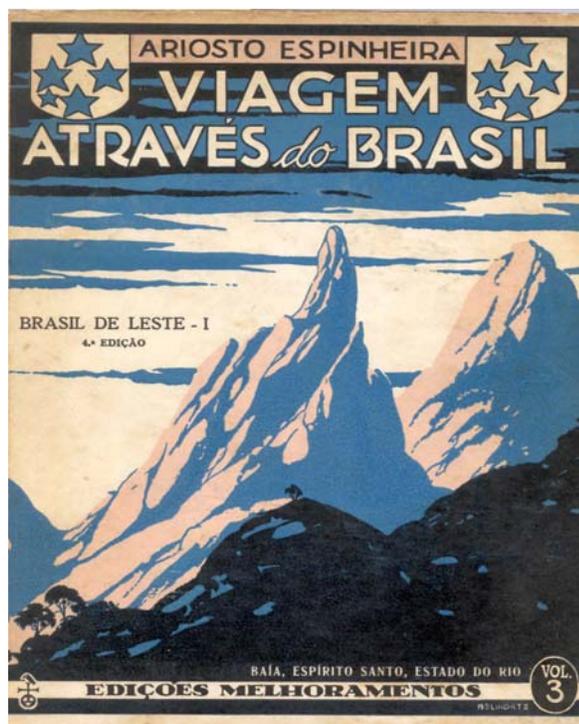
Segundo CAPELATO (1998), o período governado por Getúlio Vargas (1930-1945) é marcado por uma política que objetivava a formação de uma identidade, a identidade nacional coletiva. Para isto, os meios de comunicação, a produção cultural e a educação se tornaram instrumentos importantes para transformar a identidade nacional de caráter individualista em coletiva. O varguismo procurou transformar o imaginário coletivo numa força reguladora da vida coletiva e peça importante no exercício do poder. A constituição e preservação da identidade nacional, confundia-se com a preservação do Estado e dos interesses nacionais.

Já que a educação era um dos instrumentos usados para a construção da unidade nacional, muitos textos de cunho patriótico e nacionalista foram postos em circulação para crianças e jovens, a fim de construir a idéia de unidade, neutralizando divisões e conflitos. Livros didáticos de história, assim como o ensino de história privilegiavam a História do Brasil, enfatizando a necessidade de formação da consciência nacional. Aos leitores mirins de “*O Brasil é bom*” era passada uma imagem de um Brasil bom na sua organização estadonovista que prezava e procurava construir a unidade, e passava uma imagem ruim da organização do governo anterior que provocava a desagregação. O texto “*Getúlio para crianças*”, mostrava a importância da Marcha para o Oeste, que fazia parte da política de povoamento do interior. Tudo isso evidenciava que a educação foi considerada elemento prioritário para a inculcação de valores estabelecidos para conformar a identidade nacional coletiva desde tenra idade.

É claro que a literatura para crianças e jovens caminhou ao lado dessa política traçada por Getúlio Vargas. Nas décadas de 1940 e 1950, o passado brasileiro permaneceu em vigor com uma particularidade: a história dos bandeirantes estava em destaque, apontando dois temas, o do alargamento do território nacional e o da abundância natural do Brasil. O alargamento territorial estava relacionado a uma política de povoamento e colonização de terras distantes, no Oeste. Essa política reforçava ainda mais a propaganda nacionalista e colocava em evidência a figura do bandeirante como modelo de herói. CAPELATO (1998) nos aponta que

*“as imagens do interior/sertão constituíram um dos pilares da construção da nova identidade nacional coletiva. A composição dessa identidade também exigiu uma releitura do passado: o bandeirante foi a grande figura recuperada como símbolo nacional. A Marcha para o Oeste representava a continuação da epopéia das bandeiras”* (p. 218).

Ainda no período varguista, foram publicados dez volumes intitulados “Viagem através do Brasil” de Ariosto Espinheira, nos quais se descrevia o território brasileiro de norte a sul, de leste a oeste.



*Capa do volume 3 do livro Viagem através do Brasil*

Na apresentação do volume 3<sup>9</sup>, o autor delineia do que se trata os volumes:

#### *“Apresentação*

*A Viagem através do Brasil, de que êste é o terceiro volume, foi transmitida pelo programa infantil da Radio Jornal do Brasil, de agosto de 1936 a agosto de 1937.*

---

<sup>9</sup> ESPINHEIRA, Ariosto. *Viagem através do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1950, 4<sup>o</sup> edição, volume 3.

*A finalidade dessa viagem foi dar aos seus ouvintes uma idéia do que é o nosso Brasil, mostrando-lhes os seus usos e costumes, seus homens e sua geografia, sua história e seus recursos naturais.*

*Nos volumes anteriores foram estudados a Amazônia e o Nordeste. Agora se apresenta, em três volumes, a descrição do Brasil de Leste.*

*Outros livros, desta série, passam em revistas as regiões formadas pelo Brasil Meridional e pelo Brasil Central.*

*No texto desses volumes, destinados às crianças brasileiras, encontram-se inúmeros trechos compilados, adaptados, modificados às vezes, de livros, de revistas e jornais, constituindo assim uma coletânea de autores nacionais.*

*Não é pois a obra, que submetemos à crítica dos que se interessam pela literatura infantil e pela divulgação das nossas coisas, mais que uma antologia capaz de ensinar recreando e de recrear ensinando. Tal é, pelo menos, o objetivo do Autor.”*

Conhecer o território nacional significava conhecer a Pátria, despertar na criança a percepção da grandeza do nosso país e ao mesmo tempo fazer dela mãe e de nós seus filhos:

*“ A Pátria é o nosso berço e será o nosso túmulo. Unidos, vivemos todos presos a ela pelo amor e pela tradição. Esta Pátria que vimos na Amazônia e no Nordeste, que vemos aqui no Brasil leste, que veremos, depois, nas demais regiões brasileiras, é simbolizada pela bandeira que acabei de descrever a vocês. É a Pátria que todos devemos amar acima de tudo...”* (ESPINHEIRA, 1950, p. 34)

Todos os textos dos livros são permeados pelo tema Pátria. Ela é o pano de fundo para a tessitura das narrativas, visando despertar na criança um sentimento patriótico. Aliás, versos de Olavo Bilac abrem todos os volumes “*Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!*”, versos que soam como um mandamento, versos que, assim como os textos, vão ao encontro do projeto político-educacional traçado por Vargas. Vale notar que Vargas governou no período de 1930 a 1945, mas os valores estabelecidos para conformar a unidade nacional permaneciam impressos e circulavam nas mãos das crianças até 1950, data dessa edição.

Em 1938, é editado, também do escritor Viriato Corrêa, a obra *Cazuza*. Inserida num contexto de construção do Estado Nacional e do novo cidadão, traz, impregnadas em sua narrativa, questões que envolvem a moral, o nacionalismo, o civismo, a pátria e o trabalho.<sup>10</sup>

Na década de 1950, aparece uma série intitulada de *“Infância humilde de grandes homens”*, em que apareciam biografias de vultos da pátria de origem social menos privilegiada. Encabeçaram a redação dessas biografias Renato Sêneca Fleury, Ofélia e Narbal Fontes e Clemente Luz. LAJOLO & ZILBERMAN (1985) observam que nesses livros,

*“a finalidade parece ser uma só : organizar um elenco de nomes ilustres que reforce o sentimento patriótico e sirva de exemplo para os leitores. Nesse sentido, tais textos também cumprem a missão mencionada a propósito das demais narrativas estudadas: a apresentação de modelos de ação a serem copiados pelas crianças”*(p.117).

As mesmas autoras afirmam que as biografias lançadas para o público infantil ofereciam ao leitor humilde uma saída compensatória e discutia a pobreza sem criticar a sociedade, apresentando também uma visão paternalista e protecionista dos autores perante as personagens.

As biografias dos vultos da pátria de origem social menos privilegiada iam também construindo heróis populares. DAVIES (2001), observa que *“a heroização do povo pode ser consoladora, mas não ajuda a compreender a realidade, e portanto, a transformá-la”* (p. 95), assim, essas biografias escritas para a infância trouxeram embutido, nas páginas dos livros infantis, um projeto de cunho ideológico.

Nos anos de 1960 e 1970, a literatura infantil se volta para denúncias da crise social brasileira:

*“Assim, se aparentemente desapareceu destes livros infantis o compromisso com a história oficial, com heróis pátrios e com conteúdos escolares mais ortodoxos, um exame mais aprofundado da produção infantil contemporânea revela a permanência da preocupação educativa, comprometida agora com outros valores, menos tradicionais e – acredita-se- libertadores”* (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p.161)

---

<sup>10</sup> Ana Elisa de Arruda Penteado realizou um estudo sobre esta obra de Viriato Corrêa, discutindo o entroncamento entre literatura infantil, história e educação e estabelecendo um diálogo com um conjunto de temas (pátria, nacionalismo, trabalho educação) que configuravam o Estado Nacional. Ver: PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura infantil, história e educação: um estudo da obra Cazuza de Viriato Corrêa*. Campinas, SP: [s. n.], 2001 – Dissertação de Mestrado.

É nos anos 70 que começa a fermentar uma preocupação crítica com a história. A história positivista ensinada nas escolas era considerada uma visão reacionária e “*as gerações saídas da universidade anos antes começam a encontrar legitimidade intelectual e ensaiam um ensino mais preocupado com o social*” (PINSKY, 2001, p.19).

Nessa mesma época, em que o país estava sob regime de força, a literatura infantil e juvenil foi o lugar em que muitos progressistas puderam investir num trabalho de caráter mais humanístico e emancipatório.

*“Como se escrevia para crianças, um segmento social historicamente ignorado pela assimetria de poder entre adulto e infante, este no máximo encarado como futuro material humano da nação, foi neste setor que a resistência ao regime militar passou despercebida e plantou sementes de liberdade”* (BORDINI, 1998, p. 38)

Muitos autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e outros mergulharam no universo envolvente da literatura infantil e puderam, através dela, desconstruir os valores que sustentavam a política de linha dura dos militares, suscitando as crianças a pensarem e a desconfiarem de idéias que sufocam, alienam e matam. Era uma literatura em tom de protesto, contestatória, expressando as insatisfações populares ou humanistas, num contexto marcado pela política desenvolvimentista do regime militar. Era uma produção que, além de registrar o momento histórico, transformou-se num campo de resistência, de transgressão. Entrelaçando realidade e fantasia, trazia para discussão questões como abusos do poder totalitário (ex: Reizinho mandão – Ruth Rocha, 1978), injustiças sociais (ex: Pivete, Henry Côrrea de Araújo, 1977) e tantos outros problemas da sociedade da época. Além disso, uma geração de escritores retoma a postura iconoclasta de Lobato, firmando um compromisso com o estético, com a arte e não com a pedagogia.

Vale destacar que a década de 1970 é conhecida por ter sido o grande *boom* da literatura, já que a indústria editorial expandiu-se, graças à confiança nos ganhos com a inflação da moeda e com o surgimento de um público forçado a comprar, o das escolas, que se multiplicaram em massa pelo país.

Nos anos de 1980, tudo podia ser matéria para a ficção infanto-juvenil, a expansão mercadológica continuou e as escolas foram abastecidas de livros não apenas didáticos e paradidáticos, mas de literatura infanto-juvenil, graças aos programas financiados pelo governo,

principal cliente da indústria editorial. Assim, tendo um mercado garantido (a escola), muitos temas e gêneros surgiram e ainda surgem no mercado, abrindo espaço para outras vertentes da literatura infantil: histórias policiais, ficção científica e de modo especial, nos anos de 1990, cujo contexto é marcado pela violência, vida e morte, aparece uma problematização do Mal, que como aponta SERRA (1998), ganha mais força e consistência na literatura infanto-juvenil.

Porém, os temas que envolvem o passado brasileiro e vultos históricos não desapareceram. Timidamente marcaram presença, ganhando maior destaque nos arredores da comemoração “Brasil 500 anos”, em que todo o país vivia um clima de rememoração da história.

Como foi exposto até aqui, no decorrer dos anos, os livros infantis e juvenis, que traziam como tema o passado nacional, andavam paralelamente à concepção de história assumida pela escola em determinadas épocas. Com a exceção de Lobato, a grande maioria dos autores, até mais ou menos a década de 1970, acabaram comungando com a história dos heróis, das datas e das verdades inquestionáveis. História fragmentada, desconectada, construída e movida por “seres iluminados” (MICELI, 1988). O que não se pode perder de vista é que o livro infantil e juvenil traz nas entrelinhas muito mais que uma concepção de história, traz também um projeto de criança e de homem e, constrói imagens e identidades.

LAJOLO (2003) destaca a literatura como uma das vozes responsáveis pela imagem de infância e acrescenta que

*“Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas” (p.232)*

*Infância de papel e tinta!* São muitos os retratos da infância que a literatura construiu e vem construindo. Diante disso, tendo em vista que a leitura faz parte de um processo educativo e constitutivo do cidadão, as questões que devem ser observadas são: que imagens de infância são formuladas e postas em circulação nos livros infantis? Que projeto de criança é expresso nos livros selecionados: conformista ou transformadora?

Segundo BRITTO (2001), “ *um texto é também a expressão da representação que um sujeito faz de determinado tema e tem, pela própria natureza condição da interlocução, intenção de atuar sobre as representações dos leitores...*”(p.84). Por se tratar de representações que

incidem sobre as representações dos leitores, os livros não são neutros e podem influenciar, de certa forma, no pensar e no agir do leitor diante da realidade e do conhecimento histórico.

É importante frisar também que quando a criança abre um livro, um universo de valores abre-se diante dela. Apresentam-lhe formas de viver, de pensar e agir, afinal, o livro infantil por mais inocente que possa parecer, não é neutro. Ele constitui, muitas vezes, fonte de informação, de representações de mundo, além de ser de invenção e de intenção do adulto. Este, através do livro infantil, transmite os pontos de vista que considera mais úteis à formação de seus leitores.

Seguindo a orientação do adulto, o livro infantil revela o seu *caráter utilitário*, ficando preso muitas vezes, às recomendações pedagógicas que não oportunizam grandes possibilidades de imaginação. Não esqueçamos que a história da literatura infantil e juvenil brasileira é marcada por esse caráter utilitário. Até a década de 1970, a literatura infantil assumiu, predominantemente, um caráter “pragmático” e “utilitário”, concebida para educar, inculcando moralidades compatíveis com os grupos dominantes e sentimentos patrióticos, sendo forjada em detrimento da arte. Quando o livro infantil apresenta um discurso utilitário (PERROTTI, 1986), ele se torna veículo de propaganda das idéias e valores de determinadas classes sociais e a criança passa a ser influenciada pelo escrito, o texto deixa-lhe marcas, imprimi-lhe atitudes e idéias e ler passa a ser *uma peregrinação por um sistema imposto* (CERTEAU, 1994). Portanto, quando a criança abre um livro, ela se depara com uma tessitura de palavras que constrói a história, o herói; depara-se com o uso da palavra pela elite produtora, para a construção de representações.

Por outro lado, não podemos perder de vista que um “livro é um efeito (uma construção) do leitor” (CERTEAU, 1994, p.264). A criança, ao ler um livro, atribui-lhe sentidos, significados, a partir do que vivenciou, de suas experiências no mundo. Segundo CHARTIER (1999), um livro não existe sem leitor (enquanto objeto sim, mas enquanto texto, não). O mundo do texto existe quando alguém dele se apossa, faz uso, inscreve-o na memória e o transforma em experiência.

SOARES (2001) discute uma questão que não podemos deixar de abordar, já que falamos da literatura infantil: a escolarização da leitura literária. SOARES discute as relações que existem entre o processo de escolarização e a literatura infantil, questão que pode, segundo ela, ser considerada em duas perspectivas:

- 1- a apropriação que a escola faz da literatura para atender seus fins próprios (*literatura escolarizada*);
- 2- a literatura como produção para a escola, para ser consumida pela clientela escolar (*literalizar a escolarização infantil*).

Diante dos caminhos percorridos pela literatura para crianças e jovens no Brasil, podemos concluir que a *literatura escolarizada* e o *literalizar a escolarização infantil* são realidades presentes desde o início do século XX. Como vimos, o livro para crianças e jovens se tornou instrumento fecundo de formação humana, ética, moral, patriótica, política, contribuindo assim, para a formação ou transformação de mentes.

Já que a escolarização da literatura foi e continua sendo algo inevitável, SOARES (2001) nos desafia a tentarmos descobrir como realizar a adequada escolarização da literatura, que acontece em três instâncias: 1<sup>a</sup>. instância: na biblioteca escolar (onde se constrói uma relação escolar com o livro), 2<sup>a</sup>. instância: a leitura e estudos de livros (que escolariza a literatura por diferentes estratégias: indicação do professor, avaliação da leitura), 3<sup>a</sup>. instância: leitura e estudo de textos (a literatura aparece na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos e interpretados).

Não há, portanto, como não falar em literatura sem falar da escola, pois o livro está inserido num contexto sócio- econômico- cultural e educacional, com importante função social e, como produto cultural expressa a sociedade em que está inserida e institui relações culturais. Diante disso, BRITTO (2001) destaca que, hoje, “*valores como pátria, família, heroísmo, sempre presentes nos textos escolares, foram substituídos por mercado, competência, competitividade*” (p. 85).

### 3. TANTOS LIVROS... TANTAS HISTÓRIAS...

#### MERGULHANDO NAS IMAGENS<sup>11</sup> E TEXTOS DOS LIVROS INFANTIS E JUVENIS

*“Era a história de cinco meninos que moravam com um tio numa casinha na beira de um rio.*

*Um dia, o tio chegou em casa e encontrou os meninos olhando alguns recortes de jornais antigos que estavam guardados em uma pequena caixa de madeira. Em um dos recortes havia uma foto do tio segurando um peixe enorme. Depois de olhar bem para a foto, um dos meninos disse que o tio deveria ter sido um grande pescador. O outro afirmou que o tio foi um dos maiores pescadores de toda a região. O terceiro pensou um pouco e falou que o tio conseguiu pescar o maior peixe da história das pescarias naquele rio. O quarto menino disse que aquela foto confirmava a fama de grande pescador do tio. O último menino repetiu tudo os que os outros disseram. O tio olhou para eles, sorriu e disse:*

*\_ Que grande pescador que nada! Eu estava passando e um moço da cidade me pediu para segurar o peixe que ele havia acabado de comprar de um dos pescadores da região enquanto ele ia até o carro para buscar um saco plástico para guardá-lo. Enquanto eu estava ali, parado, esperando a volta do moço, um repórter passou e me viu. Achando que eu havia pescado aquele peixe enorme, tirou esta foto e publicou no jornal. A partir daí, ganhei a fama de ser o maior pescador desta curva de rio.” (BERUTTI, 2001p. 47)*

Emprestando esta história que Berutti traz em seu livro *A Independência do Brasil*, inicio este capítulo buscando não perder de vista que a história da Independência tem várias versões. Tantos textos... tantas histórias! Tantos textos e tantas histórias conforme os olhares de seus autores sobre a história da Independência. Olhares que trazem pontos de vista, que constroem

---

<sup>11</sup> O termo imagem que permeia este capítulo e a dissertação como um todo, refere-se, sem ignorar sua multiplicidade de sentidos, à imagens que possuem formas visíveis. Em alguns momentos o termo imagem será usado para indicar as imagens que a ilustração e o texto produzem, referindo-se aos sentidos que estes esboçam/delineiam, não perdendo de vista que o leitor, quando lê, também produz imagens, produz sentidos.

O termo ilustração também é usado, já que é um termo próprio deste tipo de produção. De acordo com Luís Camargo (escritor e ilustrador de livros infantis), atribuem-se usualmente à ilustração, as formas de ornar ou elucidar o texto, junto ao qual ela aparece. Porém, muito mais que ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar. Raramente, uma ilustração desempenha uma única função. Segundo este pesquisador, o texto ilustrado recebe interferência de suas ilustrações. As cores, as técnicas, o imaginário, tudo o que o ilustrador fizer, pode alterar e/ou interferir na leitura e no significado do texto.

imagens de D. Pedro, de leitores e de criança. Considerando tudo isso, um dos objetivos deste capítulo é detectar as permanências e/ ou rupturas nas formas de se apresentar a Independência do Brasil nos livros infantis e juvenis selecionados:

BERGER, Milton. **O reino do outro lado do oceano**. Ilustrações: Ricardo Paonessa. São Paulo: DCL, 1999;

BERUTTI, Flávio. **A Independência do Brasil- 1822: o sol da liberdade não raiou para todos**. Ilustrações: Cristina Delara. São Paulo: Ediouro, 2001.

BUENO, Mariângela e DREYFUSS, Sonia. **Pedro, o independente**. Ilustrações: Marco Aragão. São Paulo: Callis, 1999.

TOKUTAKE, Shiyozo. **Os gnomos do Ipiranga**. Ilustrações: Miriam Iwai. São Paulo: Atual, 1988.

O primeiro e o terceiro foram editados concomitantemente aos preparativos para a comemoração Brasil 500 anos, destacando-se *O reino do outro lado do oceano*, que faz parte da coleção Brasil mágico 500 anos, composta por 12 livros. Isso evidencia que o momento histórico da comemoração incentivou a produção de livros infantis que contassem a nossa história. A *Independência do Brasil*, embora tenha sido editado em 2001, também desempenha esse papel. O livro faz parte da coleção “Vamos repensar a nossa história”. Mas que história são essas? Que tipos de informações trazem? História da gente ou história do herói?

Cabe salientar que todo esse movimento educativo em torno da comemoração contou com a participação da mídia (jornais, revistas, televisão...) para marcá-la fortemente. A contagem regressiva, as propagandas, jornais publicando cadernos especiais com “Imagens do Brasil 500”, escolas com seus preparativos, tudo procurou destacar os 5 séculos de história (após a chegada dos portugueses). Muitas editoras entraram no movimento dessa onda e lançaram livros com vários temas históricos: Descobrimento do Brasil, povos indígenas, escravidão, Tiradentes... e Independência do Brasil, tema desta dissertação.

O livro *Os gnomos do Ipiranga* não faz parte do conjunto de livros lançados nos arredores da comemoração Brasil 500 anos. Foi editado em 1988, momento em que o ensino de história nas escolas era fortemente caracterizado pela data cívica, pelo herói, pelo fato.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> História do ensino de História que testemunhei nos meus anos escolares, história que vivenciei.

### 3.1. CAPAS E CONTRA-CAPAS: “VISLUMBRANDO” O QUE ESTÁ POR VIR...

A capa de um livro é a porta de entrada para o seu conteúdo, é um convite (que pode ser atrativo ou não) para adentrarmos e mergulharmos em seu texto e imagens; assim, a capa acaba desempenhando um papel de publicidade do livro. Na capa nos deparamos com uma fotografia ou uma ilustração atraente que nos convida à leitura.

Há séculos atrás, as capas dos livros antigos não eram tão coloridas e atrativas, como as de hoje. Frequentemente eram simples, feitas de peles de animais; porém, algumas capas possuíam um traje de festa: ouro, seda e pedras preciosas que valorizavam, decoravam e protegiam os escritos do passado.



*Capas em “traje de festa”: capas de ouro, pedras preciosas, metal e peles*

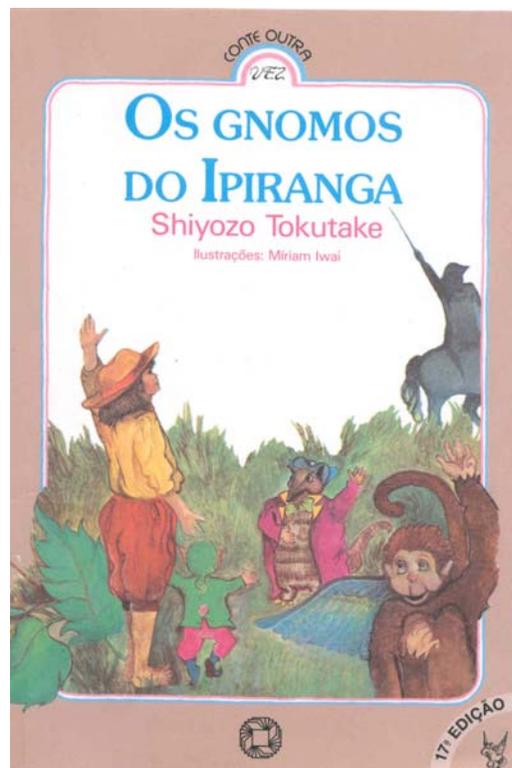
*Figura extraída do livro “La historia Del libro”, Madrid: sm, 1996*

Para um livro infantil, a capa é algo fundamental, pois o colorido, as ilustrações, o título chamam muito a atenção da criança, a ponto de provocar sua imaginação e interesse pelo conteúdo. Além disso, capas atrativas é uma das características do apelo mercadológico. Na capa, geralmente, podemos “vislumbrar” o que está por vir, temos o assunto explicitado no título e os personagens principais da história. Portanto, já na capa nos deparamos com representações que serão significadas no decorrer da história e que não podem ser ignoradas nesta dissertação.

Tomando as capas dos livros selecionados para a pesquisa, encontramos um denominador comum: todos anunciam, direta ou indiretamente, D. Pedro e seu ato “heróico” (o levantar da espada).

O livro *Os gnomos do Ipiranga* de Shiyozo Tokutake, publicado pela editora Atual (1988), já está na 17ª. edição. Por quantas mãos já passou este livro! O título (em azul) e a ilustração sugerem, de início, uma mistura de fantasia e história. Uma história com gnomos, animais que falam, D. Pedro e gente do povo. O cenário está definido claramente: o Ipiranga, local tão lembrado na história da Independência e no hino nacional.

Representados na capa estão o garoto Chiquinho (personagem principal), com blusa amarela, bermuda vermelha e descalço, com o braço erguido, observando D. Pedro ao fundo (de perfil, em seu cavalo e com a espada erguida) representado como uma sombra. Por esta imagem ser familiar a muitos que freqüentaram os bancos escolares, não é difícil identificá-la com a figura de D. Pedro.



Brochura – 14cm x 21cm

Na capa estão representados também um gnomo, Xem-xem (o tatu) e um “jabucaco” (que segundo a história, é a mistura de uma ave, chamada jaburu, com macaco). O tatu e o “jabucaco”, que não observam D. Pedro, imitam o gesto de Chiquinho de levantar o braço esquerdo e, além

disso, estão com a mão direita no peito. O gnomo está de costas para o leitor e de frente para o segundo plano (onde está D. Pedro), está com os braços abertos e parece estar pulando de alegria ao presenciar o ato de D. Pedro em proclamar a Independência. Tanto Chiquinho como o gnomo encontram-se numa posição de espectadores, num primeiro plano (com relação à figura de D. Pedro), porém estão à margem, assumindo a mesma posição do caboclo representado à margem esquerda no quadro de Pedro Américo.

Podemos entender que Chiquinho, o gnomo, o tatu e o “jabucaco” valorizam a ação de D. Pedro. Seus braços levantados “dialogam”, de certa forma, com o gesto heróico de D. Pedro (levantar a espada e proclamar a Independência).

A imagem da capa, mistura de história e fantasia, vem resgatar o passado que nos escapa, porém cristalizado, em que o herói é exaltado e o patriotismo estimulado. A capa pode produzir a idéia de que D. Pedro, condutor do destino da nação, deve ser reconhecido e cultuado. Assim como faz Chiquinho, nós leitores, mesmo não reconhecendo D. Pedro (por estar representado como sombra), conseguimos reconhecer seu ato: levantar a espada e proclamar a Independência, graças ao imaginário já construído.

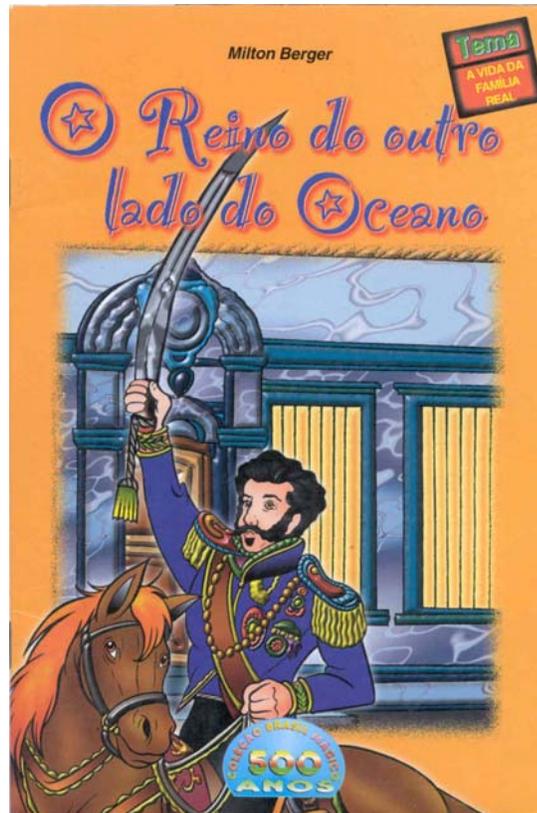
Na contra capa do livro temos o seguinte:

#### Os gnomos do Ipiranga

“Certo dia, quando regava o jardim, Chiquinho levou o maior susto de sua vida. Uma coisa saiu gritando debaixo da roseira e correu pro mato. Chiquinho atirou o regador pro ar e também disparou – mas para casa...”  
Assim começam as aventuras de Chiquinho, um menino que convive com D. Pedro I, que fica amigo dos bichos, que frequenta o mundo subterrâneo dos gnomos, que aprende o segredo da terra e das plantas – tudo isso ali, bem às margens do riacho do Ipiranga...

Percebemos que na contra capa temos um delineamento do que será tratado no interior de uma narrativa ficcional. Este pequeno texto, passa-nos a idéia de que a história da Independência estará embutida na história de Chiquinho. Ele é colocado como um menino que convive com D. Pedro I. Mas que tipo de convivência Chiquinho e D. Pedro tiveram? O cenário da história são as margens do riacho do Ipiranga.

O livro *O reino do outro lado do oceano*, de Milton Berger (lançado em 1999, pela editora DCL) faz parte da “coleção Brasil mágico 500 anos”. Em sua capa D. Pedro está representado com seu cavalo e a espada erguida, tendo como cenário um casarão e não as margens do rio Ipiranga. A capa nos revela de imediato D. Pedro como herói, cheio de medalhas. Um herói que foi, no decorrer dos tempos, representado desta maneira em estátuas, pinturas, livros didáticos e outras linguagens.



Brochura – 14cm x 21cm

Ao contrário da capa anterior, D. Pedro está em primeiro plano e de frente para o leitor. Somos nós que assumimos a posição de observadores de seu gesto heróico.

A capa carrega um tom amarelado e as letras do título estão em azul. O título refere-se a um Reino do outro lado do oceano. Mas que Reino é esse? Percebe-se uma ambigüidade de sentidos: Reino Portugal? Reino Brasil? O leitor só saberá de que Reino se trata ao adentrar na narrativa. O cenário é composto por um casarão azul e amarelo.

Esta imagem (composta por D. Pedro, cavalo, espada) já se tornou uma imagem canônica (SALIBA, 1999) e ao vê-la a identificamos e a associamos à pessoa de D. Pedro e ao fato da Independência do Brasil. Além disso, ela traz uma “narrativa” linear do episódio da

Independência. É uma imagem que, em função da história e da memória construída na sala de aula e livros didáticos, já vem significada institucionalmente. Portanto, antes mesmo de abrirmos o livro, a história já nos é apresentada, através da imagem, como foi perpetuada no decorrer dos tempos e, de certa forma, pode castrar o imaginário e não permitir ressignificações, a não ser que nós leitores, na posição de observadores do “gesto heróico”, tenhamos tido contato com outras versões desta história e tenhamos elementos para questionar esta imagem. Não desconsidero, portanto, a posição do leitor que atribui significados a partir de suas experiências.

Na contra capa, estão os títulos dos outros livros que fazem parte da coleção Brasil mágico 500 anos:

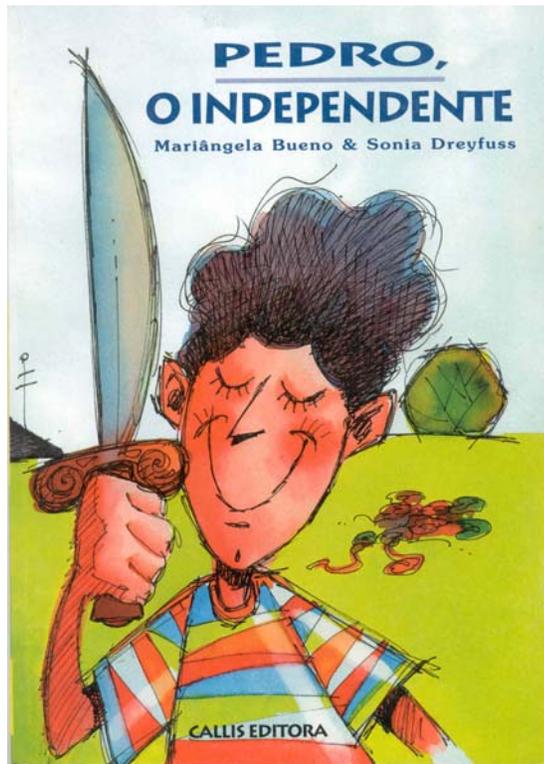
COLEÇÃO BRASIL MÁGICO 500 ANOS

A BANDEIRA MÁGICA  
OS TRÊS AMIGOS  
ZEQUINHA O ESTUDIOSO  
CAMINHA O CURIOSO  
ALEGRIA ALEGRIA  
DE MÃOS DADAS  
JUAN, O ESPANHOLZINHO  
SOL NASCENTE E FLOR DE CEREJEIRA  
O REINO DO OUTRO LADO DO OCEANO  
OS TOMATES ENCANTADOS  
O REI GUERREIRO  
TERRA ENCANTADA

Brasil mágico – 500 anos – 12 historinhas super coloridas e divertidas, descrevendo eventos históricos e fatos sobre a formação do povo brasileiro de forma lúdica e positiva para todas as crianças. Brasil mágico 500 anos é diversão e informação para toda a família.

Mas o que vem a ser positivo para a criança? Que tipo de informações o livro *Os gnomos do Ipiranga* traz? Que visão de história as informações carregam? O livro apenas descreve o evento histórico? Como descreve? Questões que a capa e a contra capa suscitam, antes mesmo de abrirmos o livro.

*Pedro, o independente* de Mariângela Bueno e Sonia Dreyfuss (Callis, 1999) também traz uma criança na ilustração, cujo nome é Pedro. Pedro também levanta uma espada e em seu rosto esboça-se um sorriso, um ar de satisfação, respeito e alegria. Seus olhos fechados nos sugerem um momento de rememoração de uma história, cujo gesto de levantar a espada resultou em um final feliz. O cenário é composto por um gramado verde e céu azul. Seria o Ipiranga?



Brochura – 7cm x 24cm

A capa faz um deslocamento: o ontem no hoje, a espada na mão de uma criança, esta criança tem o nome de Pedro e recebe o adjetivo de independente. Relaciona elementos e símbolos marcados na história da Independência com elementos do presente (criança comum, roupa comum) para se apresentar o tema. Diante disto, podemos dizer que esse deslocamento já nos indica uma ruptura na forma de se apresentar o tema, ou seja, não tem cavalo, não tem D. Pedro, porém, aponta permanências no que se refere aos símbolos marcados na história: espada, nome Pedro, o adjetivo independente.

A ilustração da capa deste livro pode também estimular sentimentos patrióticos e a exaltação da ação de D. Pedro, já que a criança imita seu gesto. É o passado no presente, a criança imitando o levantar de espada, é o reforço de uma imagem construída há muito tempo. Pedro, o independente é a criança, personagem principal. Pedro no nome e Pedro na ação! Seu

nome já carrega uma lembrança, sua qualidade remete-nos a uma história, o que nos permite associar a imagem e o título à figura de D. Pedro. Porém, a capa pode sugerir uma outra possibilidade de interpretação, a de que Pedros comuns podem construir a história. Isto, porém, será afirmado ou negado no decorrer da narrativa<sup>13</sup>.

Na contra capa são dadas algumas pistas sobre como vai se desenrolar a narrativa:

### PEDRO, O INDEPENDENTE

Num passeio, em uma nova cidade, Pedro chega a uma casa intrigante: a  
Casa do Grito.

Através de uma animada conversa, Francisco ajuda Pedro a desvendar a  
história da Independência do Brasil.

Pedro, o independente, permite ao leitor uma reflexão inicial sobre fatos  
que podem ter tão variadas interpretações.

O livro possibilita trabalhar a questão dos ideais de um cidadão e da  
independência como um processo de construção constante.

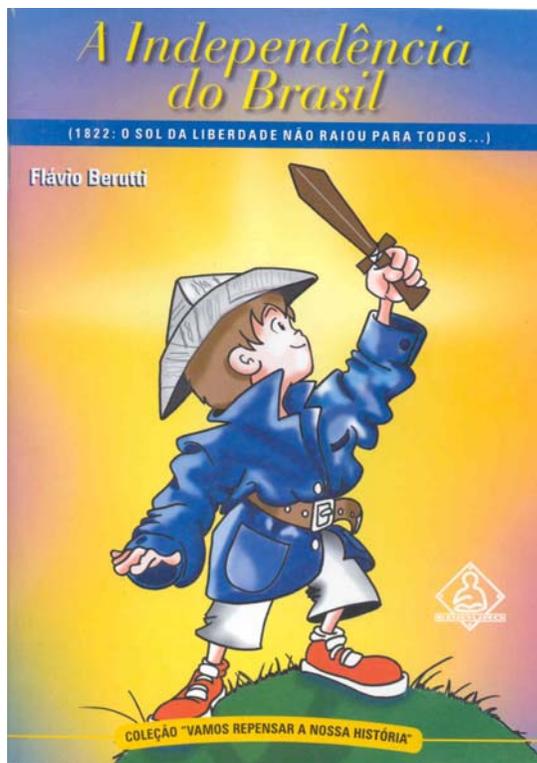
O texto da contra capa deixa claro que Francisco (o monitor do Museu) ajudará Pedro a desvendar a história da Independência. Essa relação “de ajuda” será discutida posteriormente. O livro é colocado como instrumento capaz de permitir ao leitor reflexão e como possibilidade de trabalho com os ideais de um cidadão. Além disso, traz na contra capa um conceito de história como processo de construção constante. A capa e contra capa permitem-nos vislumbrar que história teremos pela frente.

*A Independência do Brasil* de Flávio Berutti (Eduoro, 2001) faz parte também de uma coleção: “Vamos repensar a história”. O título, em letras amarelas, é claro que já indica do que se tratará o livro. Há também um subtítulo “1822: o sol da liberdade não raiou para todos”, o que parece ser um indicativo de que todo o contexto social será abordado, de que o avesso da história não será ignorado, de que essa história não teve um final feliz para todos, como imaginamos, ou seria, como aprendemos na escola?

---

<sup>13</sup> Segundo D’ONOFRIO (1978), o termo narrativa refere-se a todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num determinado tempo e num determinado espaço. O conceito narrativa abrange o romance, o conto, a novela, o poema épico, alegórico e outras formas de literatura.

A ilustração da capa traz uma criança (um menino da nossa época) de tênis vermelho, bermuda cinza, casaco azul grande, com chapéu de soldado e uma espada erguida. O levantar da espada, associado ao título, lembra-nos, imediatamente, a pessoa de D. Pedro.



Brochura 17cm x 24cm

A espada de brinquedo e o chapéu feito de papel, nos dão a impressão de que a criança está brincando de D. Pedro proclamando a Independência. É importante ressaltar que ao brincar, a criança representa o mundo, imita gestos dos adultos e papéis sociais observados no cotidiano. Nesta capa, ao brincar, a criança recria um gesto de um personagem histórico, imita uma ação, tendo como modelo D. Pedro e, ao tomá-lo como modelo e ao imitar sua ação, pode colocar, para os leitores, D. Pedro como modelo de conduta, como um herói, ou ainda, como na capa do livro *Pedro, o independente*, pode sugerir que pessoas comuns podem construir história.

Por detrás da criança observamos uma luz amarela. Seria a luz do sol da liberdade? Ou seria uma luz para destacar e atribuir importância ao ato de levantar a espada e romper/ cortar laços com Portugal? Lembremos que segundo MICELI (1988), o herói é tido como um *ser iluminado*, especial. Na escola, principalmente, o exercício de ouvir, ler, ver e repetir, fixou a imagem da espada erguida e do herói-ser iluminado-especial.

A espada erguida é o elemento comum nos quatro livros. Um simples objeto na mão de D. Pedro representa a Independência do Brasil. Em uma pesquisa desenvolvida por mim anteriormente<sup>14</sup>, perguntei às crianças sobre o que sabiam sobre a Independência do Brasil e uma delas levantou o braço, como que segurando uma espada, e disse em bom tom: “Independência ou Morte”. Era o corpo que também falava, que também contava uma história. Podemos afirmar, portanto, que a espada erguida faz parte do nosso imaginário sobre a Independência e da memória visual desse fato. Pedro Américo representou espadas erguidas e esta imagem sobreviveu até os dias atuais, já que é reforçada em várias fontes, dentre elas, podemos incluir livros infantis e juvenis. Antes mesmo de abirmos os livros, “vislumbramos” a história de um levantar de espada, “vislumbramos” a história já familiar, escondida ou escancarada nas nossas experiências escolares e extra escolares, pois como vimos no capítulo 1, muitos são os veículos que carregam marcas desta história, que anunciam a “boa-nova” da Independência, numa perspectiva positivista. Graças aos conhecimentos obtidos e/ou construídos na escola e fora dela, não há como não relacionar as capas à figura de D. Pedro, mesmo as que não o trazem segurando a espada.

Na contra capa do livro *A Independência do Brasil* há uma pequena apresentação de como se desenvolverá a história e as questões que nortearão a narrativa:

A Independência do Brasil  
(1822: o sol da liberdade não raiou para todos...)

Flávio Berutti

O dia 7 de setembro estava chegando e o nosso amiguinho começou a ficar aflito. Ele ainda não havia iniciado o trabalho que a professora pediu sobre a Independência do Brasil. Mas jurou que daquele dia não passaria. Com as orientações da professora em uma das mãos, ele foi para a biblioteca para começara a atividade de produção de texto. A princípio imaginou que seria “mais um” trabalho de história. Mas não era. Quando ele iniciou as leituras

---

<sup>14</sup> Gonsalves, Sílvia Letícia. *Voices, Cores e Letras: a Independência do Brasil no quadro de Pedro Américo*. Campinas, SP: [s.n.], 2001. Trabalho de conclusão de curso- Faculdade de Educação/UNICAMP. Sob orientação da Profa. Dra. Ernesta Zamboni.

dos textos indicados, logo surgiram dúvidas, idéias e conclusões. Por que em 1822 “o sol da liberdade não raiou para todos?” Qual foi o papel de D. Pedro? Por que alguns historiadores sempre escrevem a história do 7 de setembro da mesma forma? Vamos ver como o nosso amiguinho conseguiu responder a essas e a muitas outras questões que surgiram enquanto ele fazia o trabalho de história?

Capas e contra capas, imagens e pequenos textos que já trazem pistas das versões que serão assumidas no desenvolvimento das histórias. Textos e imagens que trazem explicitamente as intenções dos autores.

### **3.2 “TODO PONTO DE VISTA, É A VISTA DE UM PONTO”<sup>15</sup>**

#### **3.2.1. A HISTÓRIA TRADICIONAL: “VISÃO DE CIMA”**

Quando olhamos os acontecimentos históricos, olhamos a partir de um ponto de vista que carrega consigo valores, visões de mundo, concepções de homem e de história. Por muito tempo, prevaleceu em livros didáticos e em outras produções, como filmes, documentários, pinturas... um conhecimento histórico centrado em fatos, oferecendo uma “visão de cima”, concentrando-se nos grandes feitos, dos grandes homens. História que se detinha na superfície dos acontecimentos, história chamada tradicional, que moldava e construía a Independência do Brasil evocando heróis nacionais, ao reverenciar a habilidade política de José Bonifácio e ao exaltar o caráter varonil de D. Pedro.

Ainda hoje, são flagradas práticas (escolares e extra-escolares, como vimos no capítulo 1) e produções que assumem esse ponto de vista; práticas e produções que permeiam o cotidiano, sem deixar que o tema Independência perca sua aura mítica; práticas e produções que trazem a idéia de que a mudança histórica se dá através de heróis, silenciando vozes e mascarando conflitos e desigualdades sociais. A literatura infantil e juvenil, produção cultural que traz e institui visões de mundo e de homem, traz também esta visão de história no colorido de suas páginas, a história do herói D. Pedro... história que permanece.

Como já foi salientado no capítulo 1, o herói nacional é figura importante de uma história enraizada num modelo tradicional de educação. O herói é um modelo de conduta, sua trajetória e

---

<sup>15</sup> BOFF, Leonardo. A águia e a galinha. RJ: Vozes, 1997.

ações servem-nos de exemplo e seus feitos e coragem conquistam nossa admiração. MICELI (1988) o chama de *ser-iluminado*, CARVALHO (1990) de instrumento eficaz para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos, mas o que é importante destacar é que todas as histórias, de todos os países, têm como construtoras delas, os heróis.

No livro *Os gnomos do Ipiranga* a imagem de D. Pedro como herói, como construtor da nação é inquestionável:

*“Quando D. Pedro e sua comitiva, seguindo viagem, alcançaram as margens do córrego do Ipiranga, veio ter com eles o mensageiro real, trazendo algumas cartas. Entre elas, uma da princesa Leopoldina e outra do ministro José Bonifácio de Andrada e Silva.*

*D. Pedro leu as cartas e achou que tinha chegado a hora de tomar uma decisão corajosa. Desembanhou a espada e, levantando-a, gritou:*

*\_ INDEPENDÊNCIA OU MORTE!*

*Os Dragões e a comitiva responderam em coro:*

*\_ INDEPENDÊNCIA OU MORTE!*

*O brado heróico ecoou nos céus da Pátria: tinha sido proclamada a Independência do Brasil. Era 7 de setembro de 1822...*

*Assistindo à cena, Chiquinho pensou em voz alta:*

*\_ Nossa! Agora estou entendendo o que Xem-xem tentava me dizer hoje cedo!” (p. 40)*

O texto, além de destacar D. Pedro como herói, traz várias brechas para apontarmos algumas observações:

- 1) O que havia nas cartas da princesa Leopoldina e de José Bonifácio?
- 2) Decisão corajosa? Por quê?
- 3) O que Xem-xem havia dito a Chiquinho pela manhã era o seguinte:

*“\_ Bom dia mesmo, Chiquinho, estou cheirando um acontecimento bom para hoje! Ainda não sei direito, mas será um acontecimento bom para nós” (p. 38)*

O tatu Xem-Xem profetizou a “salvação”, anunciou que um acontecimento bom para todos iria acontecer. Seria bom para um tatu? Seria bom para Chiquinho? Sabemos que o sol da liberdade não raiou para todos, porém, Chiquinho, ao assistir à cena lembra-se da fala do tatu e a relaciona ao fato histórico.

4) O texto ignora todo um processo histórico e, patrioticamente, destaca que “*O brado heróico ecoou nos céus da Pátria*”.

Tudo isso nos revela que a história do herói, da data, a frase, o Ipiranga... permanecem.

Nesta versão da história, o povo brasileiro, representado por Chiquinho, fica alheio, à margem (como o caipira representado à margem esquerda, no quadro de Pedro Américo), é mero espectador. D. Pedro, através de um ato heróico e solitário, por meio de “palavras mágicas” *Independência ou Morte*, libertou o Brasil das correntes que o prendiam a Portugal. O brado heróico que *ecoou nos céus da Pátria*, Chiquinho assistindo a cena, o destaque à frase *Independência ou Morte*, são elementos que sustentam a história apoiada na versão positivista, a versão romântica, a história vista de cima, a história do herói. A ação heróica de D. Pedro é reconhecida, cultuada e sacramentada nesse livro de literatura infanto-juvenil. Essa versão de história marca também o conhecimento prévio de Pedro, em *Pedro, o independente*, ressaltando-se a decisão de D. Pedro em tornar o Brasil independente:

*“O Brasil foi descoberto pelos portugueses e por isso virou colônia de Portugal. Por muito tempo foi muito explorado. Certa vez, quando D. Pedro ainda era criança, saiu de Portugal com toda sua família para morar no Brasil. Um dia, D. João VI, o pai de D. Pedro voltou para Portugal. D. Pedro ficou como príncipe regente e, mais tarde, decidiu que o Brasil não poderia continuar sendo colônia de Portugal. Em 7 de setembro de 1822, ele deu o grito “Independência ou Morte”. Aí o Brasil ficou independente e tudo mudou”* (p. 16)

O conhecimento prévio de Pedro é marcado por uma história fragmentada, cujos “pedaços colados” são compostos por nomes, fatos e data. Fragmentos de história que nos dão pistas para supor que Pedro está inserido em um ensino tradicional de história: evidencia sua dificuldade em estabelecer relações, faz uma narração puramente mecânica e memorizada; ao usar expressões como “certa vez”, “um dia”, “mais tarde” usa uma noção de tempo indeterminado (resultante do tipo de formação que recebeu). Embora sejam expressões próprias da narração de histórias infantis (Era uma vez, Um dia, Certa vez...) não são expressões apropriadas ao conhecimento histórico que procura olhar o avesso, questionar e estabelecer relações.

Esse conhecimento prévio limitado e fragmentado em frases curtas, assinalando nomes e a data 7 de setembro, aproxima-se ao texto do livro *O Reino do outro lado do oceano*, que em 15 páginas, traz a história feliz, com final feliz. Um tipo de história que obscurece os problemas

sociais, a escravidão, a miséria, o povo brasileiro, características marcantes de uma história tradicional.

*João VI e sua família fugiram correndo de Portugal, pois as tropas de Napoleão estavam invadindo Lisboa.*

*Viajaram meses pelo oceano até chegar ao Brasil. Do dia para a noite o Brasil também virou Reino. Com rei, rainha, príncipes e princesas.*

*Junto com o rei vieram os cientistas, escritores, artistas e homens de negócio do mundo todo.*

*Belas casas e palácios começaram a ser construídos. Os animais e vegetais brasileiros estavam sendo estudados. E a arte, a música, a pintura, se desenvolveu muito.*

*Apareceram os primeiros jornais e as pessoas começaram a ler e se informar mais. O Rio de Janeiro, que naquela época era a capital, parecia uma cidade européia.*

*Os portos se abriram para o mundo todo e o Brasil recebeu muitos visitantes. Ficou conhecido pelas pessoas de outros países. Uma terra verdejante e farta, com grande potencial.*

*Pedro, o príncipe brasileiro, cresceu brincando com seus amigos e animais brasileiros. Se sentia brasileiro e amava muito todas as nossas coisas.*

*Anos depois, foi ele que proclamou a Independência do Brasil.”*

Cabe ressaltar que esse texto, distribuído em 15 páginas, vai dispondo informações como verdades inquestionáveis, que nos levam a pensar:

- 1) Do dia para noite o Brasil virou Reino?
- 2) D. Pedro é apresentado como criança que cresce como brasileira e como único personagem da proclamação da Independência. Foi único?
- 3) Há um apelo ao ufanismo e ao patriotismo que compõem todo um contexto para a criação do herói.

O conhecimento prévio da personagem do livro *A independência do Brasil* também é marcado por esta versão da história, centrada em um único sujeito:

*“Em primeiro lugar quase todo mundo sabe alguma coisa a respeito desse fato. Eu já escutei várias vezes a história do D. Pedro às margens do Ipiranga gritando Independência ou morte” (p. 10)*

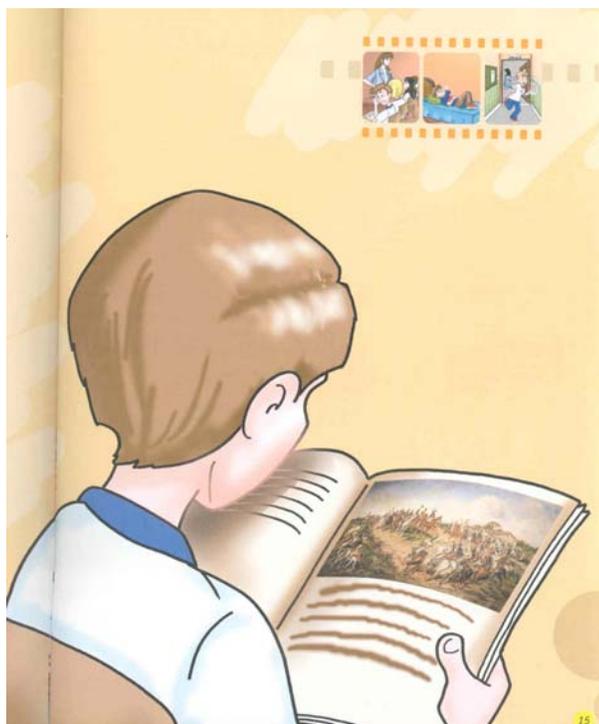
Berutti, ao abordar a Independência do Brasil em seu livro, trabalha a questão das versões, salientando que cada olhar, cada ponto de vista, cada momento histórico, cada posição social, revela uma história, carregada de valores, interesses, concepções. E isso o faz através de seu personagem que pesquisa em vários livros didáticos, antigos e recentes, para poder desenvolver seu trabalho escolar. Berutti coloca os livros mais antigos como portadores da história “vista de cima”. No início da pesquisa, seu personagem traz também uma concepção de história como verdade pronta, acabada e absoluta:

*“O que aconteceu nesse dia já está escrito nos livros. A história é sempre a mesma! O que aconteceu já aconteceu e pronto. A história já está pronta e acabada”* (p. 11)

A personagem tem o livro como um documento onde está registrado o que realmente aconteceu, como objeto confiável.

O garoto inicia o trabalho escolar com os livros didáticos antigos, que além de trazer a história “vista de cima”, centrada no herói, reafirmam o seu conhecimento prévio; primeiramente, ao se deparar com a pintura de Pedro Américo:

*“ Quando olhei para aquele quadro, eu imaginei que estivesse vendo o que realmente aconteceu no dia 7 de setembro. Tudo aquilo que eu sempre escutei as pessoas falarem a respeito da Independência do Brasil estava ali representado: D. Pedro, montado em seu cavalo com a espada erguida, dando o grito da Independência... Para mim foi exatamente desta maneira que o Brasil tornou-se independente de Portugal! Esse pintor foi capaz de retratar, com exatidão, o momento do grito”* (p. 14).



*Figura extraída do livro A Independência do Brasil*

Não esqueçamos que para muitos os que freqüentaram os bancos escolares, cujos olhos já se depararam com essa imagem, ela representa o momento exato da Independência. O quadro penetrou formalmente, por décadas, na esfera escolar na carona do importante veículo de comunicação em sala de aula: o livro didático. Raramente, foi tratado pelos professores como um objeto com uma dimensão textual significativa, como uma obra de arte que fornece elementos “*para despertar, rever a forma de enxergar o mundo, acordar a percepção adormecida...*” (LEITE, 1998). Ao contrário, por muito tempo, foi tomado para confirmar uma determinada maneira de ver, testemunhando, assim, a versão positivista da história da Independência, fortalecendo as tradições inventadas.

Segundo HOBBSAWN e RANGER (1984), por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual e simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. Essas tradições inventadas são construídas e formalmente institucionalizadas.

Logo após a iconografia de Pedro Américo estampada no livro que a personagem pesquisava, vinha o seguinte texto, que não deixa de reforçar o quadro *Independência ou Morte*:

*“ Em São Paulo, o príncipe D. Pedro declara seu propósito de defender o Brasil. No dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro recebe as ordens de Lisboa às margens do Ipiranga. E às quatro e meia da tarde de um dia glorioso, o príncipe, a cavalo, lê as ordens e, num gesto próprio de seu temperamento apaixonado, crava as esporas no cavalo, chega à frente da guarda e arrancando a espada, grita: Independência ou Morte! Esse grito de glória repercute o país inteiro. No espetáculo de gala que São Paulo oferece à noite ao já Defensor do Brasil, quando o príncipe entra no recinto, é um padre, Ildefonso Xavier, que se levanta em meio do povo para gritar: Viva o primeiro rei do Brasil! No dia 12 de outubro, o Rio de Janeiro recebe o príncipe.”*  
(p. 17)

Notamos que o texto não difere daqueles que há muito tempo preenchiam as páginas dos livros didáticos. É um texto que tem por objetivo marcar a hora (seria essa?), a data (destacada como gloriosa), o grito “de glória” e o herói D. Pedro, “o defensor do Brasil”. As ordens de Lisboa não são explicitadas e o grito é apontado como grito de glória que repercutiu no país inteiro, levando-nos a entender que foi um grito por todos e para todos. Porém, o texto começa a suscitar no garoto questões que colocam em evidência a tão célebre ação heróica: “A independência do Brasil foi o resultado apenas do gesto heróico e solitário de D. Pedro?” “Por que os autores contam a história do 7 de setembro de forma tão parecida?”

O segundo livro que o garoto consulta, um “bastante antigo”, com as páginas amareladas, com raras ilustrações, trazia também a pintura de Pedro Américo. O texto era o seguinte:

*“D. Pedro, a 14 de agosto, seguiu para a terra dos bandeirantes, chegando a São Paulo a 25 daquele mês. Toda cidade estava em festa. Das janelas atiravam flores, sentindo-se na população uma alegria geral.*

*Tendo seguido para Santos a 5 de setembro, regressou na manhã do dia 7.*

*À altura do riacho Ipiranga, D. Pedro recebeu o Correio da Corte. O Correio trazia decretos das Cortes de Lisboa com novas e humilhantes imposições.*

*De súbito, D. Pedro amassa o papel que tem nas mãos, pisa-o e brada visivelmente irritado: ‘É preciso acabar com isto!’ Salta sobre o cavalo e marcha em direção ao riacho do Ipiranga, onde se encontrava o resto da comitiva. D. Pedro exclama: ‘Camaradas! As Cortes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil. Cumpre, portanto, declarar já sua independência. Estamos definitivamente separados de Portugal!’ Ergueu-se no selim, puxou da espada e, entre*

*solene e dramático, bradou: ‘Independência ou morte seja a nossa divisa; o verde e o amarelo sejam as nossas cores nacionais!’”* (p. 19).

O texto, cronologicamente, vai apontando os passos de D. Pedro até a manhã do 7 de setembro. É um texto que também constrói a história a partir de um sujeito. Este parágrafo todo florido abre espaço para o que de mais glorioso iria acontecer: D. Pedro amassa e pisa o papel que trazia decretos das Cortes de Lisboa e ali, às margens do Ipiranga, brada “Independência ou morte”.

Cabe ressaltar que esse texto transcorre mais florido que o anterior, *a população alegre atira flores*. Estaria ela alegre? Feliz? Sem problemas? Obviamente! Na história “vista de cima”, a alegria em ver o herói seria assinalada. O texto aponta também algumas peculiaridades: esboça o conteúdo das cartas, destaca o verde amarelo como cores nacionais e a famosa frase é mais extensa.

O garoto percebe algumas semelhanças entre a versão dessa narração e a versão do livro anterior e estranha. Versão reafirmada no 3º livro didático que pesquisa:

*“ Por ter sido descoberto pelos portugueses, o Brasil ficou pertencendo a Portugal e foi colônia portuguesa até o ano de 1822, quando D. Pedro resolveu torná-lo independente, ou seja, separá-lo de Portugal”* (p. 23).

Num parágrafo, o texto narra a descoberta do Brasil e salta para a Independência. São trezentos anos em um único parágrafo, sem mencionar motivos/ interesses e todo o contexto social . A idéia da Independência colocada como decisão de D. Pedro, permanece. É ele que resolve tornar o Brasil independente. O livro só vinha a confirmar ao garoto sua concepção de história: *“Comecei a pensar que este terceiro livro confirmava tudo aquilo que eu pensava a respeito da História. O que aconteceu no passado está escrito nos livros de uma maneira mais ou menos igual. Não tem como contar a mesma história de uma forma diferente”* (p.21). Aqui, nos deparamos, novamente, com uma visão do livro como objeto confiável para o garoto, o que está escrito foi o que aconteceu no passado, além disso, a personagem toma esta versão da história como única e verdadeira .

Cabe destacar que o livro de BERUTTI, no decorrer da narrativa, constrói um entendimento de que os livros antigos trazem a versão tradicional da história da Independência

porque beberam da mesma fonte. Aqui, retomo a pequena história que iniciou este capítulo, trazida em seu livro, e usada pelo autor como artifício para explicar esta questão:

*“Era a história de cinco meninos que moravam com um tio numa casinha na beira de um rio.*

*Um dia, o tio chegou em casa e encontrou os meninos olhando alguns recortes de jornais antigos que estavam guardados em uma pequena caixa de madeira. Em um dos recortes havia uma foto do tio segurando um peixe enorme. Depois de olhar bem para a foto, um dos meninos disse que o tio deveria ter sido um grande pescador. O outro afirmou que o tio foi um dos maiores pescadores de toda a região. O terceiro pensou um pouco e falou que o tio conseguiu pescar o maior peixe da história das pescarias naquele rio. O quarto menino disse que aquela foto confirmava a fama de grande pescador do tio. O último menino repetiu tudo os que os outros disseram. O tio olhou para eles, sorriu e disse:*

*– Que grande pescador que nada! Eu estava passando e um moço da cidade me pediu para segurar o peixe que ele havia acabado de comprar de um dos pescadores da região enquanto ele ia até o carro para buscar um saco plástico para guardá-lo. Enquanto eu estava ali, parado, esperando a volta do moço, um repórter passou e me viu. Achando que eu havia pescado aquele peixe enorme, tirou esta foto e publicou no jornal. A partir daí, ganhei a fama de ser o maior pescador desta curva de rio.” (p. 47)*

Esta história permite ao garoto fazer relações e chegar à seguinte conclusão:

*“ Os cinco meninos contaram a mesma história porque beberam da mesma fonte de informação que estava à disposição deles: uma foto na qual aparecia o tio segurando um peixe enorme. Foi por isso que as cinco versões ficaram tão parecidas Talvez seja por essa razão que a história do 7 de setembro seja contada da mesma maneira por vários autores. (...). Se existem apenas um ou dois documentos que nos contam o que aconteceu nas margens do riacho do Ipiranga, e que provavelmente foram escritos a partir das narrativas dos membros da comitiva de D. Pedro, e se os historiadores utilizarem –se apenas deles em suas pesquisas, as histórias (ou as versões) dos acontecimentos do dia 7 de setembro serão iguais” (p. 48).*

Ressalto que, embora tenham bebido da mesma fonte a versão poderá ser a mesma, mas a forma de contá-la não será igual, sempre haverá alguma variação, ou será mais florida, ou será

mais patriótica, ou será mais simplificada, enfim, as histórias apenas se aproximam, não serão iguais.

### 3.2.2 OUTRAS HISTÓRIAS: “A VISÃO DE BAIXO”

Como já foi salientado, no início da dissertação, a história nova propõe uma nova forma de olhar e interrogar a realidade, em oposição à tradição historiográfica centrada nos grandes feitos dos grandes homens, buscando outras formas de olhar, preocupando-se com a história “vista de baixo” e colocando homens e mulheres comuns como sujeitos históricos.

Nesta perspectiva, *Pedro, o independente* procura abrir outras possibilidades de se olhar para a história da Independência.

“\_ É Pedro, existem outros fatos que podem contar esta história e que também são muito importantes. Acho que você não sabe que a vida das pessoas daquela época mudou depois daquele famoso grito.” (p. 16 – monitor para Pedro)

O livro não fica centrado no “grito”, nem em D. Pedro, amplia informações a respeito desta história, destacando a situação da grande parcela da população (índio, escravos, pequenos comerciantes e artesãos), para a qual a Independência não foi significativa:

“\_ É isso aí. O índio continuou perdendo terras e vendo desaparecer sua cultura. O escravo continuou sem liberdade. Os pequenos comerciantes e artesãos continuaram sobrevivendo com muita dificuldade e pagando impostos altíssimos” (p. 25 – monitor para Pedro)

*A Independência do Brasil* também procura olhar a história a partir de outros pontos de vista. A personagem, depois de avançar suas pesquisas em livros didáticos mais recentes, percebe outras versões, percebe que *o sol da liberdade não raiou para todos*:

“Eles (grandes proprietários de terra) queriam a separação de Portugal, mas não queriam que muita coisa mudasse. Essa elite agrária desejava que a Independência rompesse os laços coloniais (laços que ligavam o Brasil a Portugal), mas que não alterasse a chamada estrutura social. Acho que o autor está querendo dizer que essa elite não admitia que a Independência

*fosse acompanhada da libertação dos escravos e de uma possível redistribuição de terras. O importante naquele momento, era garantir a preservação da escravidão, do latifúndio e da unidade territorial (o território brasileiro não poderia dar origem a vários países após a Independência.” (p. 52)*

Vemos que a criança interpreta as informações lidas no livro, faz questionamentos e, à medida em que pesquisa, põe em dúvida a versão contada nos livros mais antigos:

*“A Independência do Brasil foi o resultado apenas do gesto heróico e solitário de D. Pedro?” (p. 42)*

*“ A idéia da Independência não surgiu em outros momentos da nossa história?” (p. 43)*

Questões que o instigou a aprofundar suas leituras e encontrar outros movimentos que se destinavam a realizar a independência da capitania, dentre eles a Conjuração Mineira:

*“Fui direto ao capítulo da Conjuração mineira. Lá fiquei sabendo que em Minas Gerais, no final do século XVIII, ocorreu um movimento que se destinava a realizar a independência da Capitania. O movimento foi reprimido pela Coroa portuguesa e os conspiradores foram presos. Tiradentes, um dos líderes da Conjuração Mineira foi executado no Rio de Janeiro, em 1792. Mas a idéia da independência esteve presente em outros momentos. Na Bahia, em 1798, também aconteceu um movimento pela independência da Capitania. A conjuração foi reprimida e quatro líderes foram enforcados. No período em que D. João esteve no Brasil, eclodiu, em 1817, a Revolução Pernambucana. Os líderes do movimento chegaram a assumir o governo da Capitania, mas não resistiram à violenta reação do governo central” (p. 44)*

Em *Pedro, o independente*, ressalta-se o ideário francês *liberdade, igualdade, fraternidade* (princípio liberal) e o relaciona à Independência do Brasil:

*“ \_ Você mesmo disse que o Brasil tornou-se independente de Portugal em 1822. Mas, na Europa, mais ou menos um século antes de isto acontecer, muito se falava da necessidade de grandes mudanças. Muitos acreditavam que liberdade, igualdade e fraternidade eram idéias realmente importantes para o mundo e deveriam valer para todos. (monitor)*

*\_ Isso acontecia só na Europa, Francisco?*

*\_ No início sim, mas com o passar do tempo essas idéias se espalharam pelo mundo e em muitos lugares alguns homens lutaram por esses ideais. Essas idéias também chegaram ao Brasil e foram defendidas por muita gente e por muito tempo. A idéia da independência do Brasil foi inspirada por este ideais:*

*FRATERNIDADE,  
IGUALDADE e  
LIBERDADE” (P. 18)*

Mas de que idéia de Independência se trata? Esses ideais teriam inspirado a idéia de Independência de D. Pedro? O texto não deixa claro. Esse diálogo e os que se seguem não aprofundam essas informações e não mencionam que o ideário era defendido na Conjuração Mineira, dando inspiração à idéia de independência que os inconfidentes gestaram e defenderam. Idéias que foram suporte ideológico desse movimento, idéias trazidas por brasileiros que estudaram na Europa. Princípios liberais que infestaram o velho continente a favor do liberalismo político e econômico.

Ao tratar da Constituição imposta pelo imperador em 1824, o ideário é retomado, na fala de Pedro, vejamos:

*“\_ Então, Francisco, a Constituição não trouxe igualdade, liberdade e nem fraternidade!  
\_ É isso aí. O índio continuou perdendo suas terras e vendo desaparecer sua cultura. O escravo continuou sem liberdade. Os pequenos comerciantes continuaram sobrevivendo com muita dificuldade e pagando impostos altíssimos.” (p. 25)*

Igualdade, fraternidade e liberdade não foram assumidas e nem sequer cogitadas por D. Pedro na Independência do Brasil e é claro que a estrutura social continuaria a mesma.

O livro trata, na seqüência, superficialmente, das revoltas e descontentamentos contra o imperador por todo o Brasil. Cabe destacar que este livro não dá força para a frase “Independência ou Morte”, já que revela que Portugal exigiu 2 milhões de libras esterlinas para reconhecer o Brasil como país independente; portanto, deixa claro que não foi do dia para a noite, por meio de um levantar de espada e um grito, que a Independência aconteceu, o Brasil teve que pagar por ela.

### 3.3 ILUSTRAÇÕES E TEXTOS: (DES) CONSTRUINDO IMAGENS<sup>16</sup> DE D. PEDRO

Todos os livros, dependendo da versão historiográfica assumida, constroem em seus textos e ilustrações imagens de D. Pedro.

#### 3.3.1 ROMÂNTICO

Na trigésima página do livro *Os gnomos do Ipiranga*, deparamo-nos com a ilustração de D. Pedro e Domitila e com o título sugerindo uma história romântica: *Dois jovens se escondem da chuva*.



*D. Pedro e Domitila*  
*Figura extraída do livro Os gnomos do Ipiranga*

Vejamos alguns fragmentos que delineiam esta história romântica:

*“Numa bela tarde de setembro, Xem-Xem viu Chiquinho caminhando para o lado do rio.*  
*(...) (p. 30)*

*Uma charrete passou por eles e seguiu em direção à casa do Chiquinho.*

*\_ Quem era? – perguntou o menino.*

---

<sup>16</sup> Aqui, o termo imagens refere-se às imagens produzidas através do poder das palavras e ilustrações. Consideramos também que o leitor, quando lê, constrói imagens numa relação com suas experiências, com o saber, com suas crenças, seus valores, sua cultura.

*\_ Era Domitila, filha daquele coronel que tem uma chácara ali adiante.*

*Domitila voltava da cidade, onde tinha ido fazer compras, e foi apanhada de surpresa pela brusca mudança de tempo. Resolveu abrigar-se na casa de seu Antônio (pai de Chiquinho) até a chuva passar. (...) (p. 31)*

*As horas foram passando e a noite chegou mais cedo, mas a chuva não deu sinais de parar. (...) Domitila resolveu pernoitar naquela casa. Voltaria na manhã do dia seguinte. (...) (p.32)*

*Entre uma trovoada e outra, ouviram alguém bater à porta.*

*Chiquinho disparou a atender. Ao abrir a porta, uma rajada de vento invadiu a casa e um garboso jovem entrou na sala.*

*Seu Antônio reconheceu a nobre personagem e fez reverência:*

*\_ Sua Majestade! É uma grande honra para nós recebê-lo em nossa humilde casa! (...) (p. 32)*

*Era o Príncipe Dom Pedro de Orléans e Bragança, pedindo pousada para aquela noite. (...)*

*Naquela noite tempestuosa, o olhar afetuoso do Príncipe cruzou com o olhar meigo de Domitila. Suaves sorrisos brotavam nos lábios dos dois jovens... (p. 34)*

Cabe ressaltar que Domitila e D. Pedro já se conheciam antes de setembro de 1822, mas o livro leva-nos a pensar que foi naquela noite tempestuosa que tudo começou. Como em contos de fadas, é o príncipe (herói) e a donzela que se encontram e flertam.

### **3.3.2 HERÓI**

Como já foi salientado, D. Pedro como herói e construtor da nação está inserido numa visão positivista de história. Ele ocupa o centro dela e a constrói. É o ser iluminado, especial e todo poderoso da história “vista de cima”.

No livro *Os gnomos do Ipiranga* ele é construído com essas características, é mediante sua decisão que a “liberdade” acontece:

*\_ Tenha um pouco mais de paciência, pois muito em breve tomarei uma decisão e libertarei o povo brasileiro da opressão dos portugueses” (p. 40 – D. Pedro para seu Antônio).*

Além de herói, ele é configurado, nesse livro, como bondoso, qualidade sugerida em seu gesto de presentear Chiquinho com uma bolsa de estudos:

*“ Vamos ver, meu filho, o que foi que você ganhou do Príncipe!*

*Seu Antonio abriu o envelope e retirou um papel manuscrito. Bateu o olho no timbre da casa real e na assinatura de Dom Pedro. Leu o texto e ficou com a cara iluminada.*

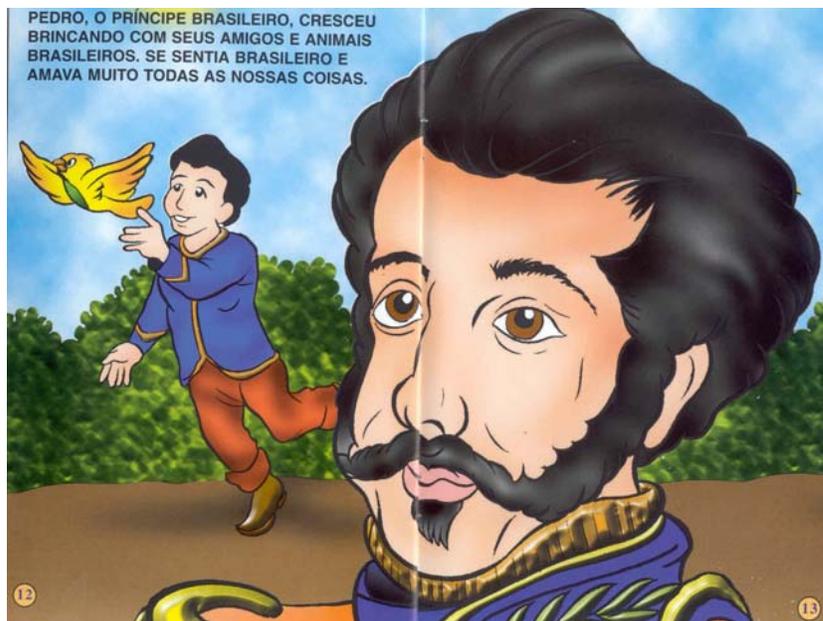
*\_ E aí, pai?*

*\_ Está de parabéns, filho!*

*\_ Por que pai?*

*Você ganhou uma bolsa de estudos! Agora pode ir a uma escola!” (p. 42)*

Bondade expressa na ilustração de D. Pedro criança no livro *O reino do outro lado do oceano*:



*D. Pedro quando criança e na fase adulta.*

*Figura extraída do livro *O Reino do outro lado do Oceano**

Notemos também que em primeiro plano, temos seu busto, muito familiar, podemos dizer até que é uma imagem também canônica, pois ao olharmos a identificamos com a pessoa de D. Pedro. Lembro que a imagem do busto, semelhante a essa, circula em nossas mãos diariamente, na moeda de R\$ 0,10.

No livro, ao virar a página, de sua infância salta para 1822: “Anos depois, foi ele que proclamou a Independência do Brasil” (p. 15), Consagrando-o como herói. Herói da história que dispensa o porquê, como, para que, para quem... Todo o processo da Independência é ignorado, o fato é anunciado de maneira reduzida, como se fosse uma verdade absoluta, que não merece ser contestada ou investigada. Ilustrando esta página, temos D. Pedro em seu cavalo, com um dos braços erguidos (segurando uma espada ou chapéu?), ao fundo sombras de pessoas o aclamam.



figura extraída do livro *O Reino do outro lado do Oceano*, p. 15

O livro *A independência do Brasil*, ao trazer as várias versões expostas nos livros pesquisados pela personagem, expõe vários adjetivos, espalhados pelos textos, que configuram a personalidade de D. Pedro e, ao mesmo tempo, o coloca como herói, capaz de despertar em nós uma certa admiração:

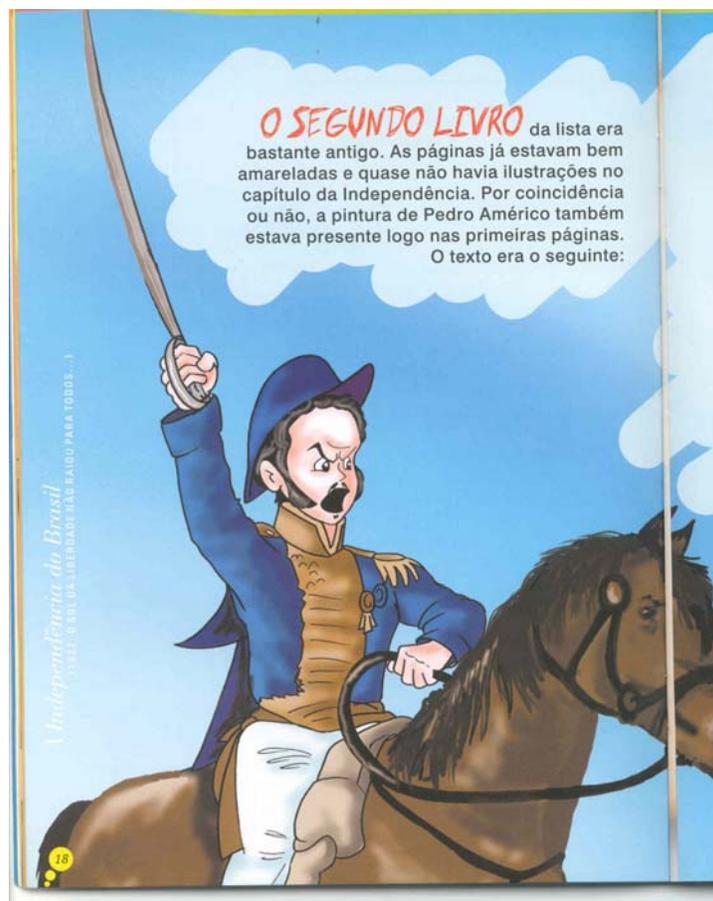
*“o príncipe, a cavalo, lê as ordens e, num gesto próprio de seu **temperamento apaixonado**, crava as esporas no cavalo, chega à frente da guarda e arrancando a espada grita: Independência ou Morte! (...) No espetáculo de gala que São Paulo oferece à noite ao já **Defensor do Brasil...**”* (p. 17)

D. Pedro recebe também o título de Defensor do Brasil, digno de herói.

Em outro texto, é colocado como herói que se irrita com as imposições da Corte Portuguesa:

*“De súbito, D. Pedro amassa o papel que tem nas mãos, pisa-o e brada visivelmente irritado: ‘É preciso acabar com isto!’” (p. 19)*

Ilustrando este texto temos D. Pedro com a expressão de bravura em seu rosto, montado em seu cavalo, com a espada erguida, sozinho:



*Figura extraída do livro A Independência do Brasil*

Imagem de herói capaz de vencer qualquer obstáculo, capaz de lutar contra as imposições que oprimem o povo brasileiro. Sua postura decidida é capaz de conquistar nossa admiração. Postura decidida expressa também na ilustração do Dia do Fico:



*Figura extraída do livro A Independência do Brasil*

### 3.3.3 CRUEL

Em *Pedro, o independente*, o monitor do Museu constrói para Pedro uma imagem de D. Pedro autoritário, cruel, capaz de mandar o exército prender e matar os revoltosos, de alguém que deixou o povo brasileiro endividado e descontente:

“*E ninguém reclamava?* (Pedro referindo-se à situação da população, pós independência: índio perdendo suas terras, escravos sem liberdade...)”

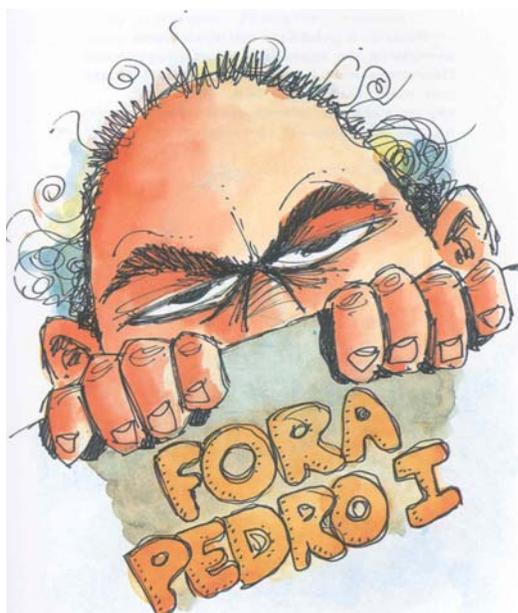
“*Reclamava sim. Mas muitos dos que tentaram dizer, escrever e lutar contra essa situação foram presos e mortos pelo exército imperial*”(p. 26)

O garoto, a princípio, tinha uma imagem de D. Pedro como herói, porém essa imagem foi sendo desconstruída. Algumas das ilustrações expostas no livro também desconstróem D. Pedro como herói, evidenciando a situação do povo:



*Figura extraída do livro Pedro, o independente*

E seu descontentamento:



*Figura extraída do livro Pedro, o independente*

Estas imagens ilustram o seguinte trecho:

*“Além da pobreza de muitos, o autoritarismo de dom Pedro I deixava grande parte da população insatisfeita. Aconteceram muitos movimentos populares contra o imperador por todo o Brasil.” (p. 28)*

Ilustrações e textos, evidenciando um D. Pedro autoritário, incapaz de olhar para a pobreza do povo brasileiro. D. Pedro não é herói! Não luta contra a opressão de seu povo, ele é responsável por ela, é o vilão cruel.

O livro *Pedro, o independente*, ao tratar da Assembléia Constituinte, constrói a imagem de D. Pedro associada à imagem de uma criança que faz birra, ao compará-lo a Marcelo, um menino da turma de Pedro, e, ao mesmo tempo, esboça uma imagem autoritária:

*“\_Naquela época, Pedro, o Brasil não tinha uma constituição. Foi necessário que dom Pedro I convocasse um grupo de pessoas para definir quais seriam as leis do novo Brasil. Faziam parte deste grupo alguns advogados e sacerdotes, uns poucos militares, alguns proprietários de terra e alguns funcionários públicos. (...) (monitor)*

*\_ Dom Pedro não aceitou as leis feitas por eles e decidiu que outros fariam aquele trabalho. Aqueles homens não se conformaram e não saíram do prédio onde trabalhavam. Desobedeceram o Imperador. Assim, na noite de 12 de novembro de 1823, por ordem de D. Pedro I, o exército cercou o prédio e o grupo foi desfeito. Desta forma dom Pedro I tirou daquelas pessoas o direito de elaborar as leis do país. Aquela noite ficou conhecida como a noite da Agonia. (Monitor)*

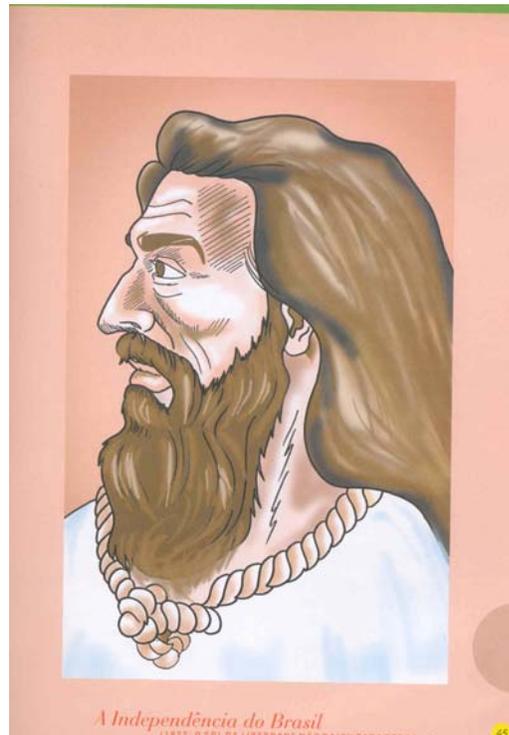
*\_ Esse dom Pedro parece o Marcelo. (Pedro)*

*\_ Que Marcelo? (monitor)*

*\_ Um menino da minha turma. Ele tem uma bola de couro e toda vez que está perdendo o jogo de futebol arranja uma briga, pega sua bola e vai embora para casa. As coisas têm que ser do jeito que ele quer.” (p. 23) (Pedro)*

### **3.3.4 D. PEDRO E TIRADENTES**

*“A idéia da Independência não surgiu em outros momentos da história?” (p. 43) Berutti, através desta questão levantada por sua personagem, traz à tona a Conjuração Mineira e a figura de Tiradentes. O garoto se depara com a obra de Cândido Portinari que o impulsiona a investigar sobre o artista e sobre o que foi a Conjuração Mineira.*



*Tiradentes (Figura extraída do livro A Independência do Brasil)*

Seria relevante relacionar D. Pedro e Tiradentes? Por quê? Por que tratar da Conjuração Mineira em um livro que aborda a Independência do Brasil?

CARVALHO (1990) desenvolveu um trabalho sobre o imaginário da República no Brasil, em que discute, dentre outros pontos, Tiradentes como um herói para a República. Segundo ele, foi grande o esforço de transformação dos principais participantes do 15 de novembro (Deodoro, Benjamin Constant, Floriano Peixoto) em heróis do novo regime. Diante das dificuldades em promovê-los, Tiradentes se revelou capaz de atender às exigências da mistificação. Um dos fatores que contribuiu para isso foi o geográfico, pois Tiradentes era de uma área que, a partir da metade do século XIX, já podia ser considerada o centro político do país (MG, RJ e SP). Outro fator é que ele se tornou símbolo emblemático da batalha contra a Monarquia, já que *“a Inconfidência era tema delicado para a elite culta do Segundo Reinado. Afinal, o proclamador da Independência era neto de d. Maria I, contra quem se tinham rebelado os inconfidentes”* (CARVALHO, 1990, p. 59). Segundo o pesquisador há outro elemento importante que influenciou na escolha de Tiradentes:

*“... o patriota virou místico (...). Assumiu explicitamente a postura de mártir, identificou-se abertamente com Cristo. O cerimonial do enforcamento, o cadafalso, a forca erguida a*

*altura incomum, os soldados em volta, a multidão expectante – tudo contribuía para aproximar os dois eventos e as duas figuras, a crucificação e o enforcamento, Cristo e Tiradentes. O esarteamento posterior, o sangue derramado, a distribuição das partes pelos caminhos que antes percorrera, também serviram ao simbolismo da sementeira do sangue do mártir...”* (CARVALHO, 1990, p. 68).

Além disso, ele era o único que podia ser aceito pelos monarquistas (desde que não tirasse de cena D. Pedro I), pelos abolicionistas (republicanos e monarquistas) e pelos republicanos. Ele era a figura em que todos podiam identificar-se, *“ele operava a unidade mística dos cidadãos, o sentimento de participação, de união em torno de um ideal, fosse ele a liberdade, a independência ou a república”* (CARVALHO, 1990, p. 68).

Porém ocorreu um conflito político em torno da figura de Tiradentes e D. Pedro. Isso em 1862, *“por ocasião da inauguração da estátua de D. Pedro no então largo do Rocio, ou praça da Constituição, hoje praça Tiradentes”* (CARVALHO, 1990, p. 60). No lugar onde Tiradentes foi enforcado, o governo ergueu uma estátua de D. Pedro (o herói em questão nesta dissertação), neto da rainha que o condenara ao enforcamento. Como já foi mencionado, a Inconfidência e seu símbolo, Tiradentes, era tema delicado para a elite culta do Segundo Reinado. O conflito continuou após a proclamação da República, houve protestos, pensou-se em erguer um monumento de Tiradentes no local onde se julgava ter acontecido o enforcamento. Por fim, o monumento acabou sendo construído em outro local (em frente ao prédio novo da Câmara, inaugurado como palácio Tiradentes) e a estátua de D. Pedro continuou onde estava, porém, *“foi-lhe imposta a convivência cívica com o rival: sua praça passou a chamar-se praça Tiradentes”* (CARVALHO, 1990, p. 61).

Trazer ao livro a Conjuração Mineira e a figura de Tiradentes equivale trazer à discussão o tema da Independência (respondendo à questão levantada pela personagem: *“A idéia da Independência não surgiu em outros momentos da história?”* p. 43) e a questão da construção do herói, como CARVALHO nos apontou.

Os livros *Os gnomos do Ipiranga* e *o Reino do outro lado do Oceano* não mencionam Tiradentes. *Pedro, o independente* também não e, embora traga o ideário francês (igualdade, liberdade, fraternidade) não o situa como o ideário que inspirou a idéia de Independência dos Inconfidentes.

### 3.4 A CRIANÇA PERSONAGEM E A CRIANÇA LEITORA

Colocar a criança como protagonista na literatura infantil é algo comum, que acontece desde seus primórdios no Brasil. A criança, “produzida de papel e tinta”, vinha (e vem) estereotipada e fornecia (e ainda fornece) um modelo de criança a ser alcançado pelas crianças leitoras. Aí entram a questão do projeto de criança traçado nos livros infantis e a questão do livro infantil como invenção e intenção do adulto. MEIRELES (1984), em sua obra “Problemas da literatura infantil” destacava que o livro infantil:

*“Transmite os pontos de vista que este (o adulto) considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que o adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público”* (p. 29)

Diante disto perguntamos: que projeto de criança está esboçado nos livros selecionados? Quem narra e quem “ensina” a história da Independência ? PERROTTI (1986), chama a atenção para questão do narrador, destacando que *“o narrador (locutor), visando ao ensinamento, assume a postura de professor, reservando ao terceiro elemento, o leitor, sua posição de aluno”* (p. 17)

A criança apresentada no livro *Os gnomos do Ipiranga* é diferente da apresentada em *Pedro, o independente*, que por sua vez é diferente da criança do livro *A independência do Brasil*. No primeiro, Chiquinho é um garoto que vive na época em que foi proclamada a Independência do Brasil (1822). É dentro de sua história, que envolve gnomos e animais que falam, que a história da Independência é desenvolvida. Chiquinho interage com D. Pedro, porém é uma relação que o coloca em uma posição sempre inferior:

*“Seu Antonio e D. Pedro ficaram na sala, conversando sobre os últimos acontecimentos políticos que faziam fervilhar o Brasil de norte a sul...”*

*Como Chiquinho não entendia nada de política, resolveu engraxar as botas do príncipe e depois recolheu-se para dormir.”* (p. 34)

Sua posição na narração do fato da Independência é de espectador do acontecimento, como vimos ilustrado na capa. Vai sendo delineada, no decorrer da narrativa, uma imagem de criança que não é sujeito da história, criança que não questiona a história feita pelos seres

iluminados, criança que interage com D. Pedro, mas que fica alheia aos acontecimentos, só observando de longe, reverenciando o herói e a grandiosidade de sua ação. Chiquinho é uma personagem que testemunha a versão positivista dessa história. Narrada em 3<sup>a</sup>. pessoa, é o autor quem assume o papel de ensiná-la ao leitor, a história dos grandes feitos e dos grandes homens, história a ser celebrada, lembrada, exaltada, e não questionada. É pelo olhar de Chiquinho, olhar deslumbrado, olhar romântico, que o autor narra/ ensina o fato Independência à criança leitora.<sup>17</sup>

*Pedro, o independente* já nos apresenta uma criança dos nossos dias, Pedro, de dez anos, que por ir e voltar da escola, sozinho; brincar na rua; encontrar os amigos... era chamado de independente (porém tinha que avisar seus pais de seus planos). Pedro foi passar as férias em São Paulo, na casa da tia Lali e durante um passeio ao parque do Ipiranga teve a possibilidade de, informalmente, ampliar seus conhecimentos sobre o fato histórico em questão. O encontro e o diálogo com um monitor do Museu do Ipiranga possibilitam que o garoto mude sua visão a respeito da Independência, porém, suas “descobertas” passam pelo ponto de vista do monitor (quem ensina), que lhe transmite uma outra versão, capaz de causar-lhe, no final da história, uma certa decepção:

“*\_Puxa, Francisco! Eu sempre achei que essa história fosse mais bonita*” (p. 30)

O diálogo, arquitetado em perguntas (de Pedro) e respostas (do monitor), vai delineando a história da Independência e desmistificando o herói D. Pedro. A criança personagem não busca, não pesquisa, apenas faz perguntas ao monitor (professor), que responde didaticamente, dando exemplos, inserindo alguns conceitos (cidadania, liberdade), fazendo relações, não somente a Pedro, mas à criança leitora.

*A independência do Brasil*, assim como o livro anterior, apresenta-nos uma criança da atualidade, mas dentro do contexto escolar. Narrado em 1<sup>a</sup>. pessoa, traz como personagem central um menino (sem nome) que tem como tarefa escolar desenvolver um trabalho sobre a Independência do Brasil. O livro traz um modelo de criança impulsionada a buscar, a pesquisar, a fazer relações, a questionar. Essa criança, ao contrário da anterior, não recebe, passivamente, de alguém, informações para mudar seu ponto de vista, não faz perguntas a alguém, mas a ela mesma e, a partir daí, busca respostas, pensando, refletindo, fazendo relações. Ela é o sujeito do

---

<sup>17</sup> Observamos que não perdemos de vista que um “livro é um efeito (uma construção) do leitor” (CERTEAU, 1994, p.264). Neste sentido, a criança, ao ler um livro, atribui-lhe sentidos, significados, a partir do que vivenciou, a partir de suas experiências no mundo.

seu aprendizado. Ela age, busca, desconfia da história, dos livros didáticos e descobre, constrói e percebe seu crescimento com o desenvolvimento do trabalho escolar:

“\_ *Puxa vida! Como minha visão da Independência está mudando com este trabalho*” (p. 55)

É a criança almejada por muitos professores, a criança que tem autonomia na construção do conhecimento, que protagoniza em uma situação de aprendizagem, uma criança que, a partir da leitura, questiona e faz relações, elementos básicos para o pensamento criador.

O leitor passa a ser companheiro da personagem no desenvolvimento do trabalho escolar e pode compartilhar as questões, as dúvidas e as descobertas. E para isso o autor usa uma linguagem simples, mas não simplista e reducionista, tecendo uma linha de raciocínio que parte da versão tradicional desta história e deste herói, abrindo caminhos de reflexão e questionamentos e apontando os nós e os remendos que estão no avesso da história.

Nesse livro, vemos que a literatura infanto-juvenil pode reascender a imagem de criança partícipe, porém, não basta o livro ser questionador, abrir possibilidades de reflexão e construir essa imagem de criança. A escola, o professor, o adulto precisam também desenvolver práticas que não sejam silenciadoras deste processo de formação de um sujeito crítico, participativo, construtor de história.

O livro *O Reino do outro lado do Oceano* também traz uma personagem criança. É o próprio D. Pedro, criança, cujo perfil é traçado pelo autor em um único parágrafo.

*“Pedro, o príncipe brasileiro , cresceu brincando com seus amigos e animais brasileiros. Se sentia brasileiro e amava muito as nossas coisas”* (p. 12)

Parágrafo que, associado à ilustração, passa-nos a imagem de uma criança doce, amável, amiga. Até os pássaros (que podemos associar à liberdade) se aproximam dele!



*Figura extraída do livro O Reino do outro lado do Oceano*

É o perfil de uma criança projetada para ser herói. Criança que, embora nascida em Portugal, cresce nesta terra brasileira, sentindo-se brasileira, *amando todas as nossas coisas*, imagem de criança capaz de despertar em nós leitores, um afeto.

Cabe destacar que, atrelado ao projeto de criança esboçado nos livros, paralelamente, foi sendo delineada a questão do sujeito histórico. Chiquinho, como foi colocado, desempenhando o papel de espectador da célebre cena acontecida no Ipiranga, fica alheio, à margem deste acontecimento histórico. Não participa efetivamente dele, assiste e reverencia o herói D. Pedro. Chiquinho, representante do povo, descalço, criança “comum”, na maioria das vezes, não é colocado como sujeito de história, como alguém que também constrói história no dia-a-dia. É claro que história não são somente fatos importantes, registrados, celebrados, mas mesmo os acontecimentos de sua vida, são influenciados pela ação bondosa/ assistencialista de D. Pedro, como por exemplo, ganhar uma bolsa de estudos para poder estudar. A vida de Chiquinho está emaranhada à vida de alguém que foi colocado acima dele, D. Pedro. É à sombra e tutela deste que “progride”, que tem a oportunidade de poder estudar e esta oportunidade é colocada como um favor, um presente de D. Pedro a uma pobre criança.

Pedro, o independente, não é independente, autônomo, sujeito na (re)construção do saber histórico. Fica na posição de aluno que ouve, como uma espécie de espectador também, pois o monitor lhe apresenta uma outra versão da história da Independência. A mudança do olhar de Pedro sobre a história é injetada pelo monitor. Embora ocorra um processo interacional adulto-criança, este adulto assume o papel de professor/ sabedor do conhecimento histórico e o garoto de aluno. As questões feitas por Pedro são como um artifício da narrativa para que o monitor possa ensinar a história. Portanto, a reconstrução do olhar do garoto sobre a Independência não passa pelo processo de buscas, conflitos, reflexões, questionamentos, mas numa única “sentada”, ouvindo alguém, dono do saber.

Ao contrário, a personagem do livro *A Independência do Brasil*, é uma criança autônoma, que realmente protagoniza no seu processo de construção do conhecimento. O adulto (a professora) apenas indicou vários livros de história contendo várias versões. Quem faz as relações, os questionamentos e reflexões é a própria criança, sujeito/ protagonista na reconstrução de seu olhar, faz sua história enquanto aluno pensante.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS...

O conhecimento histórico não está restrito à sala de aula, mas permeia o nosso cotidiano, através de imagens, textos, símbolos, mídia... literatura infantil e juvenil. Vimos que o tema da Independência do Brasil circula em diversas linguagens e produções que falam a partir de determinados pontos de vista, apontando-nos permanências e rupturas nas formas de se apresentar este fato histórico.

Todo um imaginário em torno da Independência foi sendo construído, desde o século XIX, que tem como versão oficial do gesto que fundou a nação o quadro de Pedro Américo, representação consagrada e difundida. Imaginário que destaca D. Pedro montado em seu cavalo e com a espada erguida e a frase *Independência ou Morte*. Elementos que permanecem em muitas produções, porém, cabe destacar que os significados e as representações estão expostos a mudanças, *ao jogo do deslizamento do significado*<sup>18</sup>, resultando em novos significados e interpretações... Rupturas! Deparamo-nos com algumas rupturas em produções, como por exemplo, o quadro de François René Moreaux (que apresenta D. Pedro como herói, porém mais próximo do povo), deparamo-nos com algumas rupturas nos desenhos elaborados pelas crianças, deparamo-nos com rupturas em alguns livros de literatura infantil e juvenil, porém, a idéia de um herói permanece na maioria das produções, autenticando a memória da Independência inscrita em um único sujeito: D. Pedro.

A literatura infantil, desde os seus primórdios no Brasil, tem abordado temas relacionados à história nacional, sendo marcada fortemente por um projeto nacionalista, patriótico e moralizante, expressando e instituindo visões de mundo, de cidadão e de história.

E essa literatura para crianças e jovens, caracterizada pela linguagem atraente, envolvente, pelo lúdico, pelo prazer, trouxe no colorido de suas páginas a Independência do Brasil, tornando-se recurso didático. O texto virou pretexto para se “ensinar” a história da Independência. Ilustrações, textos, palavras intencionadas pelo adulto. Palavras que têm avesso! E que disfarçadas, articuladas, apresentam esta história assumindo pontos de vista, que podem atribuir a construção da história a um único personagem, especial, iluminado ou ampliar este universo, considerando outras histórias, outros personagens.

---

<sup>18</sup> WORTMAAN, 2002

Mas que história é essa, que na especificidade da literatura infantil e juvenil, abre espaço para a pedagogização da história ensinada?

Tantos livros (*O reino do outro lado do oceano, Os gnomos do Ipiranga*) ... uma história! Permanências! História não só implícita no conteúdo escrito, mas também nas ilustrações. D. Pedro, cavalo, espada, Ipiranga, *Independência ou morte!* Homem construído como bondoso, generoso, romântico, de temperamento apaixonado, amante das nossas coisas, verdadeiro herói de uma história a ser celebrada, não questionada, que obscurece desigualdades sociais e conflitos. História feliz com final feliz! História de um único homem que decide proclamar a Independência... Permanências! A criança personagem e o leitor infantil e juvenil são colocados como espectadores de uma história que se repete como a reza de um rosário, sem sentido, mecanicamente.

O uso de frases curtas e objetivas, detendo-se na superfície dos acontecimentos, acaba desempenhando uma função estratégica para melhor fixar o conteúdo, pautado no fato, na data (7 de setembro), no lugar (Ipiranga), no sujeito (D. Pedro), na frase (*Independência ou Morte!*). Esta é a fórmula principal expressa nos livros *Os gnomos do Ipiranga, O Reino do outro lado do oceano* e nos conhecimentos prévios de Pedro, em *Pedro, o independente* e do garoto em *A Independência do Brasil*. São livros e história que não desafiam o leitor à reflexão e ao questionamento, revertendo-se em instrumentos de alienação, ao mesmo que procuram incorporar, implicitamente, uma concepção de história e de sujeito histórico, excluindo o próprio leitor do rol dos sujeitos que constroem história. São histórias delineadas por narrativas cheias de “conceitos”, unívocas, fechadas em si mesmas. Esse procedimento empobrece a literatura infantil e, além disso, nada contribui para um movimento de inovação deste conhecimento histórico preso ao passado, marcado pela data, pelo fato e pelo herói. A literatura criou suas próprias limitações, ao procurar resgatar a história.

Alguns dos autores que escrevem estes livros parecem ter uma única visão desta história. Tokutake, por exemplo não tem formação de historiador, é cartunista e escritor de outras obras infantis. Seu livro pertence ao final da década de 1980, trazendo marcas de um modelo de história “vista de cima”, assumido por muitos livros didáticos da época e vivenciado por muitos que frequentaram os bancos escolares, neste período. Tokutake apresenta a Independência do Brasil, no interior de uma narrativa marcada pela fantasia, o que dá à história um tom de magia e romantismo. Podemos arriscar a dizer que as permanências acontecem nos livros em que os autores, possivelmente, desconhecem outras versões, outras representações, outras vozes, ficando presos à história que lhe ensinaram quando criança. “Ensinam” aos leitores a história que

conhecem, que aprenderam: um homem, em um cavalo, com uma espada, proclama Independência às margens do Ipiranga. Berutti, ao contrário, tem uma outra formação, é licenciado em história, apresentando-nos o tema de forma mais ampla, sob outros prismas, resultando em rupturas.

Portanto, a formação do escritor não pode ser desconsiderada ao averiguarmos as permanências e rupturas nas formas de se apresentar a história da Independência do Brasil, afinal, como já foi salientado anteriormente, o narrador assume a postura de professor que transmite os pontos de vista que considera mais importantes à formação de seus leitores. E que ponto de vista, que visão de mundo, de homem e de história tem?

Tantos livros (*Pedro, o independente; A independência do Brasil*)... tantas histórias! O sol da liberdade não raiou para todos! Rupturas... Outras vozes, outros sujeitos, outras versões, outros olhares. Versões dadas (como em *Pedro, o independente*) e versões investigadas/ questionadas (*A independência do Brasil*), versões que desconstróem o herói D. Pedro, que olham o avesso da história, os conflitos, as revoltas, a situação da população. A espada levantada é colocada nas mãos de pessoas comuns, representadas pelas personagens (crianças). Histórias que podem reascender a imagem da criança partícipe (*A independência do Brasil*), sujeito que pensa, reflete, questiona, constrói.

É marcante no livro *Pedro, o independente* a desconstrução do herói, que vai acontecendo à medida que D. Pedro vai sendo construído como cruel, responsável pela miséria e opressão do povo. A “visão de baixo” é tomada como referência, olhando-se a Independência a partir dos índios, negros, artesãos e outros excluídos. A noção de cidadania é delineada em torno do ideário “fraternidade, igualdade, liberdade”, porém de forma descontextualizada.

Em *A Independência do Brasil*, observa-se uma tentativa de trazer várias versões da Independência, a partir de uma lógica que aborda as várias histórias em vários livros didáticos, iniciando-se pelos mais antigos e finalizando com os mais recentes. Esse procedimento acaba levando a personagem a concluir que “o sol da liberdade não raiou para todos”. Mas Berutti constrói também a idéia de que livros antigos trazem a história do herói, fragmentada, detendo-se na superfície dos acontecimentos e os recentes, uma história que considera outras versões, o avesso. No livro, a figura de Tiradentes é abordada como uma tentativa de mostrar que em outros momentos da história, com outros sujeitos, pensou-se em Independência e se lutou por ela.

Ambos os livros descentram da história construída por um único sujeito, não ficando presos à fórmula: fato, data (7 de setembro), lugar (Ipiranga), sujeito (D. Pedro) e frase (*Independência ou Morte!*).

Mas a literatura infantil e juvenil, ao abordar a história da Independência, perde o seu sabor? Saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia. Saber e sabor podem dar gosto às palavras e como diz Fanny Abramovich (1989), através de uma história pode-se “*descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula*”. Barthes (1978) dizia que “a literatura faz girar saberes” (p. 18) e que é sal das palavras, o gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo.

Os livros abordados nesta dissertação têm “cara de aula” de história. Três deles (*Os gnomos do Ipiranga; O reino do outro lado do oceano; Pedro, o independente*) adotam a relação professor- aluno: professor = livro, aluno = leitor e no interior da narrativa de *Pedro, o independente*, professor = monitor, aluno = Pedro e leitor. Em *A independência do Brasil*, a personagem está inserida em um contexto escolar e a narrativa envolve um processo de aprendizagem: o personagem (e o leitor), ao estudar a história, investiga, questiona e a (re)constrói, a partir de suas reflexões e relações que faz. Embora, tenha também “cara de aula”, o livro, de certa forma, justifica seu “ato pedagógico” pelo fato de levar o aluno a pensar e a construir uma outra história.

A presença de protagonistas crianças é um dos procedimentos mais comuns na literatura infantil e os livros, trabalhados aqui, não fogem à regra. Um projeto de criança foi sendo arquitetado, produzindo-nos muitas imagens:

Criança passiva, conformista, espectadora da história, de pés no chão, pobre, que fala com animais, que engraxa os sapatos de D. Pedro e que só tem a oportunidade de estudar graças ao presente do príncipe (uma bolsa de estudos). Este é Chiquinho.

Criança que ouve com atenção os ensinamentos do adulto e que se decepciona com o que aprende, que imita D. Pedro no ato de levantar a espada (na ilustração da capa). Este é Pedro, que recebe o adjetivo de independente.

Criança projetada para ser herói, que cresceu com seus amigos e animais brasileiros, sentindo-se brasileiro e amando as nossas coisas... D. Pedro.

Criança transformadora, que busca, questiona, faz relações, protagoniza em sua aprendizagem. Criança que também imita D. Pedro na ação de levantar a espada e que, no decorrer da narrativa, proclama sua liberdade ao (re) construir a história, ao mesmo tempo em que vai construindo sua história de aluno autônomo no processo de construção do conhecimento.

Usam-se personagens crianças na tentativa de levar o leitor infantil a se identificar com as histórias e, nos livros *Os gnomos do Ipiranga* e *O reino do outro lado do oceano*, a tomar o herói D. Pedro como modelo de conduta a ser seguido e cultuado.

Não se trata aqui, de negar o caráter pedagógico, a transmissão de saberes e de valores (inerente a qualquer ato de linguagem); a grande questão está em não reduzir a literatura para crianças e jovens ao discurso didático, à história ensinada, privilegiando esta função em detrimento da estética, da imaginação, da fantasia, da alegria, da curiosidade, da criação... A literatura infantil e juvenil não pode perder sua essência! O livro deve ser objeto cultural de qualidade total, qualidade em todos os aspectos: textual, literário ou informativo, ilustração e ser alimento fecundo para o pensamento, para a criação, para a imaginação.

É claro que não desconsideramos que o conhecimento histórico não está pronto no texto da literatura, a ser decodificado pelos leitores, mas é uma construção interacional livro-leitor. Se considerarmos que o conhecimento histórico é informação a ser assimilada pelo leitor, estaremos valorizando mais o livro que o ato de ler. E o ato de ler, as significações feitas (pelo leitor infantil e juvenil) acontecem a partir de conhecimentos já existentes, resultando em deslizamentos de significados, em rupturas! A permanência pode estar presente na literatura infantil e juvenil, mas isso não quer dizer que o leitor não possa fazer rupturas. Portanto, esta dissertação não terá um ponto final, mas reticências... reticências que entregam ao leitor infantil e juvenil, *caçadores que percorrem terras alheias*, a possibilidade de adentrarem nos textos e imagens, ressignificando-os, afinal, o mundo do texto escrito só existe quando alguém dele se apossa, atribui-lhe sentidos, produz significados, que não serão os mesmos que lhe atribuiu seu autor. Assim, as representações e significações não são estáticas, mas móveis, sofrendo constante influência de nossas experiências, idéias e sentimentos, abrindo margem aos deslizamentos, às rupturas, às *táticas*. Portanto, esta história pode ter outras possibilidades de interpretação, outros significados, a cada leitura, para cada leitor.... podendo-se fazer outros alinhavos...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

AZEVEDO, Ricardo. Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**- algumas leituras. Campinas, São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura de Brasil, 1998.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BERGER, Milton. **O reino do outro lado do oceano**. São Paulo: DCL, 1999.

BERUTTI, Flávio. **A Independência do Brasil- 1822: o sol da liberdade não raiou para todos**. São Paulo: Ediouro, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Pátria, Civilização e trabalho**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese de doutorado/ USP, 1993.

\_\_\_\_\_. As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas in PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 43-72.

\_\_\_\_\_. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D' Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**- algumas leituras. Campinas, São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura de Brasil, 1998.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória** – uma perspectiva histórico cultural. Ijuí/ RS: Editora Unijuí, 2000.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política in EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (orgs.). **A escolarização da leitura literária**- o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.77-91.

BUENO, Mariângela e DREYFUSS, Sonia. **Pedro, o independente**. São Paulo: Callis, 1999.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales**. 1929-1989. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.  
\_\_\_\_\_. **A escrita da História**. São Paulo: Editora Unesp, 1992

CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Porto: Porto Editora, 1994.

CALVINO, Ítalo. Leitura de uma onda. In: **Palomar**. S. Paulo: Companhia das letras, 1994

CAMARGO, Luis. A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil. In:  
[www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm)

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**- propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Papirus, 1998.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas**- o imaginário da República no Brasil. S. Paulo: Companhia das letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro-** do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do estado, 1999.

\_\_\_\_\_. **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DAVIES, Nicholas. As camadas populares nos livros de história do Brasil. In PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de História e a construção do fato.** São Paulo: Contexto, 2001, p. 93-104.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** RJ, Petrópolis: Vozes, 1994.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Poema e Narrativa: estruturas.** SP: duas cidades, 1978.

ESPINHEIRA, Ariosto. **Viagem através do Brasil.** São Paulo: Melhoramentos, 1950, 4º edição, volume 3.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana M. B., MACHADO, Maria Zélia (organizadoras). **A escolarização da leitura literária – o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEBVRE, Lucien. **Honra e Pátria.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

FERREIRA, Norma S. **Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia moral?** São Paulo: Cortez, 1994.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação. In FONSECA, Thaís e SIMAN, Lana Mara (orgs.). **Inaugurando a história e construindo a nação – discursos e imagens no ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONSALVES, Sílvia Letícia. **Vozes, Cores e Letras: a independência do Brasil no quadro de Pedro Américo.** Campinas, SP: [s. n.], 2001. Trabalho de Conclusão de Curso/ Faculdade de Educação – UNICAMP. Orientadora: Ernesta Zamboni.

GUIBERNAU, Montserrat. **Los nacionalismos.** Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1996.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** S. Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2003, p. 229-250.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** Lisboa: Edições 70, 1983.

\_\_\_\_\_. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, Isabel. Desenho infantil: questões práticas polêmicas. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel (org.). **Infância e produção cultural.** Capinas, SP: Papirus, 1998, p. 131-150.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. Memória da Independência: marcos e representações simbólicas in: Revista Brasileira de História- **Representações.** São Paulo, ANPUH/Contexto, vol 15, n° 29, 1995.

- MARTÍNEZ, Viviana C. Velasco. A figura do herói na mitologia: um guerreiro além do bem e do mal. In: **Psicologia em estudo**. Universidade Estadual de Maringá, vol.1, n° 1, jan/jun/ 1996.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles e MATTOS, Claudia Valladão de. **O Brado do Ipiranga**. São Paulo: Editora da USP: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de outra história: imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: 1995, vol. 15, n° 29, p. 9-27.
- PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: ícone, 1986.
- PESSOA, Fernando. Liberdade in PESSOA, Fernando. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1969, p. 188.
- PINSKY, Jaime. Nação e ensino de história no Brasil. In PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de História e a construção do fato**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 11-22.
- RYAN, Mary. A parada norte-americana: representações de ordem social do século XIX. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 177-209.
- SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de história. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene Rosa (Org.). **III Encontro Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 1999, p. 434-451.
- SANDRONI, Laura. De lobato à década de 1970 in SERRA, Elizabeth D'Angelo (org). **30 anos de literatura para crianças e jovens**. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura no Brasil, 1998.

SCHIAVINATTO, Iara Lis. Apresentação. In: CADERNOS CEDES 58. **Memória, liberdade e liturgia política na educação do cidadão**. São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, dez/2002, n° 58, p. 5.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**- algumas leituras. Campinas, São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura de Brasil, 1998.

SOUZA, Iara Lis. **A Independência do Brasil**. RJ: Jorge Zahar editor, 2000.

TOKUTAKE, Shiyozo. **Os gnomos do Ipiranga**. São Paulo: Atual, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALTY, Ivete Lara Camargo, FONSECA, Maria N. S., CURY, Maria Z. F. **Palavra e imagem** – leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WORTMANN, Maria Lucia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação In COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002, p. 73- 92.

ZAMBONI, Ernesta. **Que história é essa?** Uma proposta analítica dos livros paradidáticos de história. São Paulo: tese de doutoramento em educação- Faculdade de Educação, USP, 1991.

\_\_\_\_\_. As linguagens e a produção do conhecimento histórico no ensino fundamental de história. In: **Revista Brasileira de História**, n° 29.

\_\_\_\_\_. Representações e linguagens no ensino de história. In: **Revista brasileira de história**. ANPUH/ Humanitas Publicações, vol. 18, n° 36.